



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Validação da *Security Scale* para a população portuguesa:
Análise fatorial confirmatória e estudo empírico da
vinculação na pré-adolescência
Mariana Ginja da Costa Martins

Orientador de Dissertação:

Professora Doutora Manuela Pedro Veríssimo

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Professora Doutora Manuela Pedro Veríssimo

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica.

2016



ISPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Validação da *Security Scale* para a população portuguesa:
Análise fatorial confirmatória e estudo empírico da
vinculação na pré-adolescência

Mariana Ginja da Costa Martins

Orientador de Dissertação:

Professora Doutora Manuela Pedro Veríssimo

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Professora Doutora Manuela Pedro Veríssimo

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica.

2016

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de
Professora Doutora Manuela Pedro Veríssimo
apresentada no ISPA – Instituto Universitário
para obtenção de grau de Mestre na especialidade
de Psicologia Clínica

*“I cannot think of any need in childhood as the need for
a father’s protection”,*

Sigmund Freud (1930),

Civilization and Its Discontents.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, queria agradecer à principal pessoa a quem devo a minha tese – Professora Manuela Veríssimo. Desde de início transmitiu-me liberdade de escolha, tranquilidade e confiança no nosso trabalho.

Em segundo, agradeço há minha colega de Seminário e parceira nesta aventura – Rita Bigas. Obrigada por toda a confiança e companheirismo que me mostraste ao longo deste ano.

Agradeço ao Professor Marco Pereira pela revisão e *feedback* dados sem obrigação, mas sim amizade.

À Leandra por nos ter apoiado, e partilhado este projeto de investigação connosco, sempre com um sorriso e palavra de apoio. À Marília, por ter emprestado um pouco da sua paciência e dedicação à análise estatística presente neste estudo, sem nunca se queixar das minhas questões.

Aos Professores Luís Virtuoso e Luís Gonçalves por terem tornado possível a recolha de dados deste projeto.

A todos os alunos que participaram e responderam aos vários questionários que lhe aplicámos, com sinceridade, interesse e boa disposição.

Aos meus amigos, quer sejam de fora ou dentro da faculdade, que me acompanharam este ano e me ouviam cada vez precisava de desabafar alguma das minhas preocupações.

Em último, mas definitivamente não os menos importantes, á minha família, aos meus avós e aos meus pais, irmã e Duarte, não só por terem feito de mim a pessoa que sou hoje, mas por terem acompanhado passo a passo este meu percurso, sempre esperando mais e melhor de mim. E em especial, pelos modelos e exemplos académicos e pessoais que me transmitiram no último ano.

Resumo

Na pré-adolescência ocorrem mudanças físicas, cognitivas e sociais importantes. Porém, na Teoria da Vinculação tem sido dada menor atenção a este período, pelo que será pertinente compreender que implicações são introduzidas na relação pais-criança nesta fase da vida.

Objetivo: adaptar a *Security Scale* (KSS) para a população portuguesa, com o propósito de apoiar futuras investigações neste tema.

Questão de Investigação: as dimensões da KSS para a mãe e o pai (Base Segura e Porto de Abrigo) quando adaptadas à população portuguesa relacionam-se tal como na KSS original?

Hipótese de Investigação: se o modelo da escala original é confirmado, e se quanto maior for o Porto de Abrigo ou Base Segura para a mãe, maior serão estas mesmas dimensões para o pai.

Resultados: Seguiu-se um delineamento empírico correlacional, recorrendo a uma análise fatorial confirmatória, aplicada numa amostra de 176 alunos do segundo ciclo. A análise revelou um bom ajustamento, fiabilidade e consistência interna, mas uma validade convergente frágil. As estruturas fatoriais da escala “Pai” e da escala “Mãe” apresentaram-se significativamente diferentes. A amostra expressou ter vinculações parentais seguras e dar primazia ao uso da figura materna. As raparigas recorreram (mais que os rapazes) à mãe como Base Segura e ao pai como Porto de Abrigo.

Discussão: Os resultados do estudo original foram replicados. Evidenciou-se a relevância e complementaridade do papel do pai na família tradicional. Em estudos futuros recomenda-se recorrer a amostras maiores e menos específicas, assim como adaptar a KSS para outras figuras de vinculação e diferentes modelos familiares.

Palavras-Chave: Pré-adolescência, Vinculação Materna e Paterna, *Security Scale* – versão portuguesa, Base Segura, Porto de Abrigo.

Abstract

In Early adolescence, important physical, cognitive and social changes happen. However, attachment theory has given this period fewer attention. Therefore, it is pertinent to deepen about the implications in the relationship between parent and child introduced in this phase of life.

Goal: to adapt the Security Scale (KSS) to the Portuguese population, with the purpose of supporting future investigations within this topic.

Research Question: when adapted to the Portuguese population, are the dimensions of mother's and father's KSS (Secure Base and Safe Haven) related in the same way as in the original KSS's?

Research Hypothesis: If the original KSS's model is confirmed; and if the higher the level of Secure Base and Safe Haven to mothers, the higher these same dimensions will be to fathers.

Results: It was applied a correlational and empirical design, using a confirmatory factorial analysis. This analysis showed good adjustment, reliability and internal consistency but a poor convergent validity. The factorial structure of the "Mother" and "Father" dimensions were tested as significantly different. The sample was shown to have a secure attachment to their parents, and the girls expressed to use (more than boys) mothers as Secure Base and fathers as Safe Haven.

Discussion: The results obtained in the original study were replicated. It was evidenced the relevance and complementary role that fathers have in a traditional family. In the future studies, we recommend to use a less specific and larger sample and to adapt the KSS to other attachment figures and to different family structures.

Key Words: Early Adolescence, Maternal and Paternal Attachment, Portuguese Security Scale, Secure Base, Safe Haven.

Índice

Introdução.....	1
Capítulo 1: A Teoria Clássica da Vinculação e ulteriores desenvolvimentos e reflexões	2
O Conceito Vinculação: a sua origem e definições	2
Fases de Desenvolvimento da Vinculação.....	5
Padrões de Vinculação.....	6
Base Segura e Porto de Abrigo.....	9
Outro conceito relacionado com a vinculação: Modelos Internos	11
Capítulo 2: O Pai e as Figuras de Vinculação Secundárias.....	12
Capítulo 3: Vinculação na Pré-adolescência, Adolescência e o seu desenvolvimento	14
Capítulo 4: Instrumentos que avaliam a vinculação na pré-adolescência	16
Instrumentos adaptados para a população portuguesa.....	17
<i>Security Scale</i> (KSS).....	18
Capítulo 5: Objetivo, Hipóteses e Pertinência	18
Metodologia	20
Participantes	20
Instrumentos.....	21
Procedimento.....	22
Resultados	23
Discussão	28
Referências Bibliográficas	33
Anexos.....	42
Anexo 1: Termo de responsabilidade da Comissão de Ética do ISPA, Instituto Universitário	43
Anexo 2: Folheto Informativo sobre o Projeto de Investigação “Qualidade das relações Parentais, Amizade e Autoestima”	44
Anexo 3: Carta do Consentimento Informado entregue aos pais.....	47

Anexo 4: Tabela de Propriedades psicométricas do modelo simplificado da KSS para a população portuguesa	48
---	----

Lista de Tabelas

Quadro Teórico 1: “O Fenómenos de Base Segura desde da Infância à Adolescência”, Waters e Cummings (2000), p.4.....	15
Tabela 1: Análise da Normalidade Global da KSS (versão portuguesa).....	24
Tabela 2- Propriedades psicométricas da versão portuguesa da KSS	25
Tabela 3 - Análise da invariância multigrupos da estrutura fatorial proposta, a invariância métrica pelo estudo da diferença do Qui-Quadrado ($\Delta\chi^2$).....	26
Tabela 4: Análise individual de cada item na diferença na estrutura fatorial entre KSSM e a KSSP.....	27

Introdução.

O mundo interno e as vivências íntimas da criança são desenvolvidos no espaço, tempo e afeto, na inter-relação entre os seus próprios ritmos caóticos e os ritmos organizados do adulto (Gauthier, 1992).

Porém, a iniciação de contacto e de proximidade nessa relação mãe-bebé é influenciada por fatores como o ambiente, a familiarização, eventos anteriores e outros aspetos do contexto, bem como o humor do bebé e o seu nível de desenvolvimento (Sroufe & Waters, 1977). As crianças são vulneráveis, contudo, não significa necessariamente que o seu desenvolvimento e o seu modo de funcionamento fiquem “marcados” logo de início de acordo com esta relação precoce que é estabelecida, pois os mesmos resultam de processos dinâmicos onde os fatores biológicos e ambientais intervêm e interagem (Terenó, Soares, Martins, Sampaio, & Carlson, 2007).

Pouco se sabe sobre o período referido internacionalmente como “*middle childhood*” ou “*early adolescence*”, ou seja, a partir dos 10 anos e da entrada na adolescência – pré-adolescência /puberdade. Esta fase da vida humana, onde também ocorre uma transição de ciclo escolar carece de estudo e de um foco por parte da literatura. Seria importante aprofundar a nossa compreensão sobre este tema, visto que é nesta fase que frequentemente surgem problemas psicossociais como a falta de confiança e fraco ajustamento social (Eccles, Barber, Jozefowicz, Malenchuk, & Vida, 1999; Seidman, Allen Aber, & Mitchell, 1994). Ao mesmo tempo que se denota esta carência na literatura, sabemos que a Teoria da Vinculação é uma referência fundamental no desenvolvimento do sujeito, e que é durante a infância e no estabelecimento de ligações de proximidade emocional que este irá constituir uma base do desenvolvimento afetivo, social e cognitivo (Maia, Ferreira, Veríssimo, Santos, & Shin, 2008).

Dentro da investigação sobre esta temática, tem-se notado que “nos últimos anos, um dos esforços dos teóricos da vinculação tem sido o de operacionalizar e validar instrumentos capazes de captar os distintos níveis de análise em que este constructo pode ser estudado” (Maia et al., 2008, p. 424)

Num estudo sobre a influência da vinculação, Batgos e Leadbeater (1994), constataram que jovens com relações de vinculação segura apresentam, não só melhores relações com os pares, mas também uma maior autoestima, bem-estar emocional e, ainda, menores níveis de depressão e ansiedade social. O oposto verifica-se nos jovens com vinculação insegura. Waters, Bosmans, Vandevivere, Dujardin, e Waters (2015), à semelhança da restante literatura, encontraram uma evidência da associação entre a vinculação, uma transmissão integrativa e a psicopatologia.

Kerns, Mathews, Koehn, Williams, e Siener-Ciesla (2015) demonstraram no seu estudo que crianças entre os 10 e os 14 anos revelam que quanto mais positiva é a experiência vinculativa,

maior é a coerência narrativa e competência académica. A possibilidade de observar um jovem que apresenta um discurso coerente e experiências predominantemente negativas é exceção à regra. Este facto deve-se essencialmente à idade jovem da amostra estudada, porém, mesmo em adultos encontram-se dificuldades em integrar experiências negativas de forma coerente. Os mesmos autores demonstraram que as mães são escolhidas preferencialmente como “Porto de Abrigo”, e os pais como “Base Segura”. Nos estudos anteriores não se verificou tal diferenciação. Isto deve-se a falhas metodológicas e dos instrumentos utilizados. No entanto, os autores relembram que estudos recentes, como os de Seibert e Kerns (2009), Bögels e Phares (2008), Bretherton (2010), Grossmann, Grossmann, Kindler, e Zimmermann (2008), defenderam que o pai efetivamente contribuía sobretudo proporcionando suporte para a exploração. Através desta demonstração comprovou-se a importância do papel do pai. Este estudo permitiu aos autores também concluir e demonstrarem empiricamente o efeito que não só o pai, mas também os pais, têm no desenvolvimento socio-emocional, como por exemplo, o uso de estratégias de *coping* adaptadas à situação. No mesmo sentido, verifica-se uma melhor performance académica desempenhada nestas crianças.

Capítulo 1: A Teoria Clássica da Vinculação e ulteriores desenvolvimentos e reflexões.

O Conceito Vinculação: A sua origem e definições.

John Bowlby, nascido em 1907, interrompeu os seus estudos em Medicina para trabalhar sob a direção de John Alford, que o influenciou partilhando a sua experiência em Psicanálise e, em particular, com as crianças. Bowlby trabalhou em conjunto com Winnicott, os dois receberam supervisão de Melanie Klein e tiveram contacto com várias entidades da Psicanálise, apoiando-se nelas e diferenciando-se das mesmas ao longo da sua obra (Guédény & Guédény, 2015). Bowlby, de início, recebeu uma instrução fortemente influenciada por Klein, e começou por pertencer ao grupo desta analista (afastando-se do grupo Freudiano). Um dos principais tópicos que originou a rutura entre Bowlby e Klein foi a importância que Bowlby dava às interações familiares, em oposição à orientação direta dada por Klein de adotar um foco singular na criança. Como resultado, Bowlby criou o seu próprio grupo de clínicos (Bretherton, 1992).

Com o avançar dos seus estudos, Bowlby distinguiu-se dos seus colegas ao apoiar-se na Etologia e na Teoria da Evolução, e ao opor-se à ideia que o bebé de início estabelece uma paixão pela mãe como mero resultado de uma gratificação oral. Defendeu que este o fazia com um propósito adaptativo, que surge em várias espécies (não só nos primatas), no sentido de diferenciar

um indivíduo mais capaz de o proteger e manter a sua sobrevivência (Bowlby, 1979). Com os seus estudos, este autor fundou a Teoria da Vinculação, revolucionou o pensamento sobre os laços entre criança e mãe e contribuiu para a compreensão dos momentos de rutura que existem nesta relação, através de várias formas da mesma - separação, privação e luto (Bretherton, 1992).

Mary Salter Ainsworth, canadiana, nasceu em 1913, foi influenciada pela teoria da segurança de Blatz (que defende que a segurança permite às crianças explorar o mundo), encontra-se com Bowlby em Londres e responde ao anúncio do mesmo para uma investigação experimental, surgindo assim o seu principal contributo para a Teoria da Vinculação – a Situação Estranha, e os Padrões de Vinculação que identificou a partir da mesma (Guédény & Guédény, 2015). Este encontro com Bowlby não foi inteiramente propositado, porém, segundo a própria, foi um encontro que redirecionou a sua carreira profissional (Bretherton, 1992).

O legado de Bowlby e Ainsworth deverá ser para os teóricos da vinculação moderna como o legado de Freud foi para os próprios Bowlby e Ainsworth. As ideias de Freud sobre a natureza e importância das relações precoces, as reconceptualizações do conceito Base Segura, a Teoria da Evolução, do Controlo de Sistemas, a Psicologia Cognitiva, e o estudo etológico de Ainsworth, fazem parte do legado da Teoria da Vinculação e compete aos teóricos modernos, enriquecê-lo (Waters & Cummings, 2000).

Para Bowlby (1973), é indiscutível a componente relacional da vinculação. O autor define-a como a tendência das crianças de desenvolverem laços emocionais intensos com os seus cuidadores primários (figuras de vinculação), que está na base do sistema comportamental de procura da proximidade física e da segurança que se prolonga ao longo da vida. Trata-se portanto de uma relação onde a necessidade de obter informação sobre os acontecimentos relevantes que rodeiam a criança é monitorizada e avaliada de forma contínua, através de um sistema complexo de comunicação verbal e não-verbal que ocorre em sequências circulares de interação (Tereno, 2004). Neste sentido, é importante que as figuras de vinculação estejam acessíveis, não só fisicamente mas também emocionalmente (darem respostas adequadas e sensíveis). Na perspetiva de Soares (2007), esta relação para além de assimétrica, é também uma relação complementar.

Mais tarde, Bowlby (1988) defende que as crianças apresentam um repertório de capacidades biológicas instintivas que lhes permitem desenvolver comportamentos de vinculação que as fazem resistir à separação, particularmente perante uma ameaça. De entre esses ditos comportamentos vinculativos, apresentados na teoria clássica, distinguem-se o que seriam comportamentos onde a criança elícita a prestação de cuidados à figura cuidadora (*care seeking role*) e os comportamentos onde a criança protege a figura cuidadora (*care giving role*), num comportamento simétrico a esta e com uma função complementar (Ainsworth, 1985; Bowlby, 1980). “O comportamento, neste

sentido, é concebido como qualquer forma de comportamento, simples ou organizada, que resulta na procura ou manutenção de proximidade a algum indivíduo diferenciado e preferido” (Tereno et al., 2007, p. 151).

Este comportamento de vinculação do bebê está adaptado a um sistema de comportamento complementar característico do adulto, que promove a manutenção da proximidade com a criança e que igualmente tem a função de a proteger (Ainsworth, 1985). É importante referir ainda, que nenhum comportamento é exclusivamente um comportamento de vinculação. Que estes não se tratam de comportamentos exclusivamente dirigidos, nem que são dirigidos com mais frequência para o principal cuidador em todos os contextos (Sroufe & Waters, 1977).

Esta relação é um elemento básico da natureza humana que visa a proteção, conforto e suporte da criança (Bowlby, 1988), e cumpre portanto duas funções – função biológica e psicológica. A primeira corresponde ao confronto com situações de perigo, que a proximidade da figura de vinculação permite à criança. A segunda diz respeito à sensação de segurança proporcionada pela figura de vinculação que, por sua vez, irá permiti-la explorar o meio. É também a partir da figura de vinculação que a criança apreenderá a regulação emocional através do uso da mesma para reverter as suas emoções negativas (Bowlby, 1969).

Ao estabelecer uma vinculação segura, estará assegurado um elemento essencial para a formação de uma estabilidade emocional, de uma autoimagem positiva, de atitudes positivas com os outros e de, no futuro, se estabelecerem relações recíprocas e mutuamente satisfatórias (Bowlby, 1988). Quando formulou a Teoria de Vinculação pela primeira vez, Bowlby enumerou respostas instintivas da criança que a orientam para a figura de vinculação. Essas respostas podem ainda dividir-se em comportamentos de aproximação como o chupar, o agarrar, o seguir e os comportamentos de sinalização como o chorar e o sorrir (Soares, 1996).

Bowlby (1969) explica que a vinculação se caracteriza por ser a primeira relação afetiva da criança (normalmente com a mãe) e serve de molde para as futuras relações da criança. Consoante a resposta dada pela figura de vinculação desenvolvem-se os padrões vinculativos e modelos de funcionamento interno, que irão orientar os sentimentos, pensamentos e expectativas e, deste modo, influenciar as futuras relações da criança (Ainsworth & Bowlby, 1991). Porém, na perspectiva de outros autores como Waters e Cummings (2000), o conceito vinculação não se trata de um termo genérico ou de uma perspectiva exaustiva sobre as relações humanas.

Em suma, o conceito de vinculação não se trata de um traço individual variável presente em cada recém-nascido, e distingue-se do conceito de *bonding*, que se caracteriza pelo laço intenso estabelecido entre a mãe e o bebê que ocorre nas primeiras horas e dias de vida do recém-nascido (Sroufe & Waters, 1977).

Fases de Desenvolvimento da Vinculação.

No desenvolvimento dos comportamentos de vinculação, Bowlby (1969) definiu quatro fases: (1) indiscriminação das respostas sociais; (2) discriminação social, (3) manutenção de uma proximidade com uma figura específica/discriminada; e por fim, (4) a criação de uma parceria corrigida para objetivos.

Na primeira fase (durante os dois primeiros meses de vida), registam-se apenas alguns sinais vinculativos sem uma figura específica que seja alvo dos mesmos. Esta limitação na discriminação por parte do bebé deve-se às dificuldades deste diferenciar pessoas (a não ser pelo olfato e a audição). Na segunda fase (que ocorre entre os 2 e os 7 meses) nota-se a emergência de uma preferência por um cuidador. Esta fase não tem um início muito claro, sendo que a diferenciação dos comportamentos se trata de um processo progressivo e função das próprias características da figura cuidadora. Ou seja, há crianças que podem começar apenas a apresentar comportamentos preferenciais aos 6 meses de idade. Na fase seguinte, consoante o desenvolvimento das capacidades motoras, cognitivas e socio-emocionais, que ocorre depois dos 7 meses, a criança irá realizar um esforço para se manter próxima da figura agora já discriminada das restantes. É nesta fase que a criança adquire a locomoção – o que torna mais intensa a exploração e conseqüentemente mais intensos os comportamentos vinculativos. Finalmente, foi por volta dos 3 anos, que Bowlby considerou ser a última fase, a criança já sabe falar e serve-se da figura de vinculação para aprender capacidades sociais adequadas, através do dissipar do egocentrismo infantil e do compreender e do colocar-se no lugar da figura de vinculação, de modo a mais tarde conseguir obter uma autonomia da mesma.

Podemos entender que o desenvolvimento da vinculação humana se processa numa matriz organizada em torno do sistema de cuidados da figura cuidadora que se exprime sobre a forma de padrões diádicos onde o grau de participação da criança vai aumentando progressivamente (Sroufe, 1996).

As Fases de Desenvolvimento da Vinculação de Bowlby enquadram-se no início do ciclo da vida humana e foram cruciais para explicar teorias futuras deste autor. Porém, tal marco não impede que seja alvo de crítica e mal-entendidos por aparentar não ter em conta o desenvolvimento dos comportamentos de vinculação e as suas mudanças (Waters & Cummings, 2000).

Padrões de Vinculação.

Ainsworth (1972) começou por explicar que ao ter em conta uma perspetiva organizacional sobre a qualidade da relação de vinculação, esta é melhor avaliada tendo como referência os comportamentos de vinculação que dizem respeito ao cuidador (por exemplo, de afastamento, de procura) e que têm em consideração o contexto – se é promotor de *stress* ou não. Desta forma, múltiplos comportamentos podem ter significados semelhantes e comportamentos diferentes podem ter a mesma função ou um resultado equivalente.

A teorização dos “Padrões de Vinculação” resultou de um esforço coletivo de Ainsworth e dos seus colaboradores ao longo de anos. Sobre o trabalho de investigação longitudinal desenvolvido por este grupo, registam-se observações naturalísticas realizadas no Uganda. Porém, os seus estudos poderiam não ter passado o teste do tempo se não fosse pelo procedimento experimental da “Situação Estranha”, um procedimento reproduzível, mais estruturado e económico que a observação naturalística.

A noção de diferenças individuais na organização da vinculação surgiu mais tarde com Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978). À semelhança de Bowlby, estes autores defendem que padrões de vinculação distintos parecem estabelecer-se sobretudo em função de diferenças nas experiências de interação com a figura de vinculação. Consoante este pressuposto, definiram 3 padrões – o seguro, e dois inseguros (evitante e ambivalente).

Inicialmente, a sua abordagem no desenvolvimento desta experiência foi descritiva e normativa, com foco na reação das crianças perante a separação da figura de vinculação. Mais tarde incluíram no estudo a forma como a mãe negociava essa separação, a ausência de espírito da criança e a sua rejeição à brincadeira perante a ausência da mãe, mesmo quando a criança já não está a expressar *stress* e, por fim, se volta a chorar perante o retorno da mãe. Em suma, na sua aplicação prática, este procedimento consiste na observação em contexto laboratorial e análise da reação e da capacidade de exploração da criança em três momentos – um primeiro momento de interação e de brincadeira com a figura de vinculação, um segundo de separação da mesma e introdução de uma figura estranha, e por fim, reunião com a figura de vinculação. Desta situação experimental resultou a identificação vários padrões de vinculação, que vão de acordo com os comportamentos demonstrados ao longo dos vários momentos da “Situação Estranha” (Ainsworth et al., 1978).

O padrão de vinculação “seguro” está associado a uma atitude de proteção, conforto e segurança por parte da figura de vinculação, ou seja, em situações adversas/stressantes a criança investe na figura de vinculação e no seu suporte, estabelecendo-se uma atitude de exploração do meio apoiada pela sensação de segurança promovida pela figura de vinculação. Neste padrão, é evidente uma procura ativa de proximidade e interação com a figura de vinculação. Há uma comunicação clara e

eficaz, o que permite à figura de vinculação compreender as necessidades do bebê e responder adequadamente às mesmas. Nos casos de vinculação segura verifica-se que em situações onde ocorrem ativações de emoções negativas na criança, a figura de vinculação é capaz de reconfortar a mesma (Ainsworth et al., 1978; Bretherton, 1985).

A acrescentar a esta descrição do padrão seguro, Ainsworth et al., (1978), nos padrões de vinculação ditos inseguros definiram o evitante e o ambivalente. Estes padrões resultam de interações onde o comportamento da criança em relação à figura de vinculação pode ser caracterizado como de rejeição no evitante e como de inconsistente no ambivalente. Ou seja, no padrão evitante há uma desativação do sistema de vinculação derivada do medo sentido pela criança de ser rejeitada. Há um afastamento em contraste com a comunicação clara que existe no padrão seguro. Estes bebês costumam ignorar a figura de vinculação e não protestam perante a ausência desta. Normalmente, estes padrões resultam de vivências de respostas insensíveis, rejeitantes e pouco afetivas por parte da figura de vinculação face às tentativas e esforços do bebê em estabelecer uma relação. Estas vivências poderão resultar inclusive em sentimentos de frustração, irritação e raiva (normalmente dirigidos para os objetos alvo de exploração).

Por sua vez, o padrão ambivalente caracteriza-se por uma predominância de comportamentos de vinculação em relação aos comportamentos exploratórios (e.g.: procurar a mãe insistentemente, entrar em ansiedade excessiva na sua ausência). Há um risco de comprometer a exploração por parte da criança, inibindo-a e empobrecendo-a. São bebês que se ocupam a monitorizar a figura de vinculação e são hipervigilantes. Apresentam também uma ambivalência, pois ao mesmo tempo que procuram a mãe, resistem à mesma mostrando irritação, inconsistência, protestando. Não evitam, mas mostram-se passivos. Há portanto uma interação maioritariamente negativa entre estas mães e bebês inseguros ambivalentes.

Nestes padrões inseguros, embora as respostas das crianças sejam a favor da adaptação ao contexto, são desadequadas fora deste e comprometem o sistema de exploração. (Ainsworth et al., 1978). É importante notar, que estes padrões de vinculação se mantêm funcionais mesmo na ausência de um ambiente stressante (Cassidy, 2008).

Esta tipologia atribuída por Ainsworth aos padrões de vinculação foi alvo de desenvolvimentos ao longo dos anos. Destaca-se a classificação suplementar de Main, Kaplan, e Cassidy (1985) de vinculação u (*unresolved*) – em português, vinculação desorganizada - que diz respeito a perdas e/ou situações traumáticas. Neste padrão, as crianças revelam uma variedade de comportamentos bizarros, inabituais, contraditórios ou conflituais no momento da reunião da Situação Estranha. No entanto, uma criança pode apresentar uma vinculação desorganizada com um dos cuidadores e não com o outro (Guédény & Guédény, 2015). Segundo Forbes, Evans, Moran, e Perderson

(2007), estes comportamentos bizarros, podem ser observados noutros contextos e surgem sempre quando a criança, em presença do cuidador, é exposta a uma situação particularmente stressante. Para Main e Hess (1990), o cuidador é ao mesmo tempo uma fonte de alarme e de conforto para a criança, que vive um conflito entre o seu sistema de vinculação e o seu sistema de alarme e vigilância. Ou seja, a criança vive um dilema entre evitamento e aproximação. Acrescenta-se ao padrão desorganizado, a dupla classificação do estilo “evitante” em “evitante desligado” e “evitante amedrontado” identificada por Bartholomew e Horowitzs (1991). Atribui-se o primeiro estilo a quem se acha merecedor dos cuidados, mas que não se sente correspondido consoante as suas necessidades. O segundo estilo associa-se a quem não se acha merecedor de ditos cuidados, sendo um estilo mais marcado pelo medo e desconfiança do outro.

Posada et al., (1995) foram os autores que evidenciaram a globalidade do uso da Base Segura em relação às diferenças culturais que existem nos padrões de vinculação. Mais tarde, Waters e Cummings (2000) indicaram que Bowlby criou mal-entendidos acerca da transposição dos fundamentos da Teoria da Vinculação para as diferentes culturas, ao dar a entender que esta seria moldável pela seleção natural. Este mal-entendido surgiu como consequência da referência do autor à vinculação como parte da nossa herança primitiva, ao *imprinting*, ao período crítico no desenvolvimento humano, à importância dos cuidados ao bebé na formação de uma vinculação, e à rapidez relativa e a importância do estabelecimento da mesma. A sensibilidade, cooperação, disponibilidade e adequação das respostas da figura cuidadora são fundamentais no estabelecimento de uma vinculação. Contudo, nem todas são prevalentes da mesma forma em todas as culturas, nem a distribuição dos padrões resultantes do estudo da Situação Estranha são válidos em todas as culturas. Neste sentido, os teóricos da vinculação moderna deverão ter em conta o uso de múltiplos cuidadores, a influência cultural em especial na disponibilidade para a comunicação e nas respostas da figura de vinculação (Waters & Cummings, 2000).

A identificação dos diferentes padrões de vinculação não ficou, porém, isenta de críticas. Neste sentido, vários autores defenderam que estes padrões não estão significativamente correlacionados, uma vez que não se verifica uma estabilidade temporal e são fortemente influenciados pelo contexto. Por esta razão, concluíram que o constructo da vinculação em si é pobre, conceitos como relação de vinculação e ligação afetiva são supérfluos e, ainda, argumentam que as variações dos padrões de comportamento de vinculação entre as crianças são consideradas como pouco importantes (e.g., Cairns, 1972; Gewirtz, 1972a, 1972b; Masters & Wellman, 1974; Rosenthal, 1973; Weinraub, Brooks, & Lewis 1977).

Base Segura e Porto de Abrigo.

Apesar de Bowlby, no início da sua conceptualização, ter separado o sistema de vinculação do sistema de exploração e de Main, em 1973, ter sido a primeira a chamar a atenção para o conceito de exploração (Grossmann, Grossmann, & Zimmerman, 1999), foi logo na conceção clássica da vinculação que Ainsworth (1989) e Bowlby (1982) acrescentaram na definição deste constructo a tendência das crianças (perante um padrão de vinculação segura) para usar a figura de vinculação de dois modos diferentes: como “Porto de Abrigo” (*Safe Haven*: em alturas de *stress*, na procura de conforto) e como “Base Segura” (*Secure Base*: na ausência de *stress*, para explorar, sendo essa exploração feita de forma cada vez mais distante da figura de vinculação). Ou seja, nas circunstâncias em que a criança percebe a figura de vinculação como disponível e o ambiente sem perigos, tende a explorar o meio com confiança - fenómeno de interação definido como Base Segura (Ainsworth et al., 1978). Porém, de acordo com autores como Soares (1996), o conceito de Base Segura inclui o uso que a criança faz da figura de vinculação como refúgio perante a situação de exploração e que tal refúgio é procurado com o olhar, embora não pressuponha uma reação de *stress*, pressupõe algum alarme sentido pela criança.

A capacidade da criança de se concentrar na exploração estará portanto vulnerável a dois fatores: (1) à capacidade da criança de organizar as emoções e os comportamentos de forma interessada, curiosa e cuidadosa, dando respostas aos eventos consoante essas características; e ainda (2) à confiança na disponibilidade e ajuda da figura de vinculação quando necessárias (Grossmann et al., 1999).

Tendo em conta esta definição do conceito, Ainsworth (1991) deu ao fenómeno de Base Segura um papel central na vinculação ao longo da vida. O conceito de Base Segura desempenha um papel de constructo organizacional na Teoria da Vinculação. Uma vinculação segura traduz-se, portanto, num uso audaz da Base Segura ao longo do tempo e consoante o contexto e a naturalista das situações, assim como na confiança na figura de vinculação e na adequação das respostas da mesma. É um conceito que transcende idades e culturas, e engloba reflexões sobre afetos, cognições e comportamentos vivenciados nas relações com pessoas que nos são próximas (Waters & Cummings, 2000).

Para a maioria das espécies a proteção pode ser suficiente para o desenvolvimento do comportamento de vinculação. O papel de suporte à exploração na adaptação humana é semelhante e igualmente importante nesta dimensão de proteção, que existe nas outras espécies. A flexibilidade e a capacidade de resolução de problemas constituem-se como relevantes para a nossa espécie, e distinguem-na das restantes. Desta forma, a noção de figura de vinculação como Base

Segura para exploração do meio é, por sua vez, fundamental e paralela ao conceito de proteção tornando assim o conceito mais viável para o constructo de desenvolvimento (Ainsworth, 1972).

É possível aos pais promoverem quer um uso de Porto de Abrigo, quer de Base Segura da seguinte forma: ao serem sensíveis ao *stress* a que a criança está submetida e respondendo adequadamente e, ainda, ao encorajarem a exploração realizada pela criança. O saber que há alguém que nos oferece conforto em situações de alarme, irá facilitar o sentimento de segurança para explorar. Há portanto uma relação entre os fenómenos de Base Segura e Porto de Abrigo (Kerns et al., 2015).

Na Teoria Clássica, o vínculo mãe-criança (no uso de Base Segura, de Porto de Abrigo) reflete a operacionalização de um sistema de controlo, que junta informações sobre o estado da criança, do meio e do acesso atual e prévio à figura de vinculação. Este sistema de controlo funciona consoante as preferências nas capacidades de aprendizagem e nas experiências com as figuras de vinculação nos diferentes contextos ambientais com que já nos deparámos (Waters & Cummings, 2000).

Canavarro, Dias e Lima (2006) defendem que, apesar do sistema de vinculação permanecer num "funcionamento mínimo" a fim de monitorizar as situações ambientais e a disponibilidade da figura de vinculação, os comportamentos de vinculação só são ativados perante o *stress*, perigo e situações novas. Os mesmos autores associam às circunstâncias livres de *stress* o conceito de Base Segura de Ainsworth, do qual advém a exploração do meio.

Neste tema, o termo "exploração segura" surge da ideia de que as crianças com padrões de vinculação segura demonstram persistência, flexibilidade e são capazes de adaptar e regular as suas emoções perante o contexto que estão a explorar (Grossmann et al., 2008).

Relativamente ao conceito de vínculo afetivo, este conceito junta o fenómeno de Base Segura e o fenómeno de tratamento preferencial de figuras de vinculação. É a presença da segurança do cuidador que permite a exploração num ambiente singular, e é o perigo da separação e o efeito positivo da reunião que possibilitam a proximidade durante a reunião. Por sua vez, os sentimentos de relaxamento e de segurança que a criança vive em seguida permitem-lhe o retomar da brincadeira. Apesar da importância destes estudos, deve-se salientar-se que vários autores referem que existe uma dificuldade em medir ou demonstrar o vínculo afetivo em estudos de laboratório (Sroufe & Waters, 1977).

Outro conceito relacionado com a vinculação: Modelos Internos.

Para explicar a relação que existe entre a saúde mental e o tipo de vinculação que se estabelece na infância, Bowlby recorreu ao conceito de “modelos internos”, que segundo o autor são uma consequência natural da capacidade do ser humano de criar representações da realidade, representações essas formadas por componentes afetivas e cognitivas acessíveis à consciência. À semelhança das restantes representações, estes modelos internos têm uma função adaptativa, que permitindo simular e comparar a realidade, levando a que o sujeito fique mais apto (Bowlby, 1969, 1973, 1980, 1988). Começam por se formar na infância, com características que vão de acordo com um funcionamento sensório-motor e, à medida que a criança se desenvolve, organizam-se a nível simbólico, permitindo à criança refletir e expressar-se sobre aspetos interativos que vivencia com a figura de vinculação (Main, Kaplan, & Cassidy, 1985). Quando completamente formados, estes modelos operam já a um nível inconsciente, e é expectável que se mantenham estáveis ao longo da vida. Contudo, estão vulneráveis a eventuais revisões e mudanças por parte do indivíduo quando este se depara com experiências reais e significativas no contexto da vinculação (Bowlby, 1973, 1988; Waters, Merrick, Treboux, Crowell, & Albersheim, 2000).

Em suma, o que o autor transmitiu com este conceito, é que no desenvolvimento humano, o indivíduo constrói um modelo representacional interno de si mesmo em interação – o modelo interno dinâmico da vinculação (“*working models*”), que é uma componente que integra o sistema de controlo da vinculação e que irá depender da forma como a criança foi cuidada. Mais tarde, esse modelo internalizado irá permitir à criança (quando há um sentimento de segurança em relação aos seus cuidadores) acreditar em si própria, tornar-se independente e com capacidade de explorar a sua liberdade (Bowlby, 1973).

Fonagy e Target (2007) chamam a atenção para o facto de que este processo é vulnerável a consequências das expectativas, influenciadas por experiências passadas do indivíduo que levam eventualmente a enviesamentos a nível do processamento de informação.

Há que ter em atenção quando se fala de modelos internos e representações na Teoria da Vinculação, pois estes conceitos são distintos das mesmas designações usadas pela Psicologia Cognitiva, tendo em conta o seu contexto teórico específico (Waters & Cummings, 2000). É, ainda, preciso atender ao que, mais recentemente, autores como Maia, Veríssimo, Ferreira, Silva, e Pinto (2014) referem sobre as reflexões da literatura atual sobre este conceito, pois apesar de ser um conceito que tem assumido uma crescente capacidade explicativa ao longo dos anos, esta metáfora conceptual ainda não corresponde a um constructo teórico suficientemente estável e empiricamente testável.

Capítulo 2: O Pai e as Figuras de Vinculação Secundárias.

Bowlby (1958), no início, não atribuiu um papel significativo ao pai enquanto possível figura1 de vinculação. Porém, com o desenvolvimento da sua teoria, Bowlby (1969) considerou os pais como figuras de vinculação, demonstrando uma tendência para considerar a figura paterna como secundária. “A tendência tem sido considerar a relação do pai com a criança de certa forma menos profundamente enraizada que a relação da mãe com a criança” (Ainsworth, 1989, p. 712).

Sobre este assunto, Bretherton (2010) estabeleceu quatro fases cronológicas que marcaram o estudo sobre o pai enquanto figura de vinculação. A primeira fase corresponde às primeiras evidências empíricas relacionadas com a relevância da figura paterna que, segundo a autora, surgiram em paralelo com o referido desenvolvimento da Teoria da Vinculação por parte de Bowlby em 1969, assim como também os resultados das observações em contexto naturais de Ainsworth, que registou para além de uma preferência específica pela mãe, um estabelecimento de vinculação com outras figuras presentes no dia-à-dia do bebé, entre as quais o pai. Bretherton (2010) referiu também um estudo experimental de Schaffer e Emmerson sobre as reações perante a separação dos “objetos de vinculação” – tal como definidos pelos próprios, em que se evidencia que, apesar de no início se verificar uma reação claramente mais intensa perante uma separação da mãe, a certa altura a mãe e o pai eram igualmente significativos.

Na segunda fase, Bretherton (2010) salienta contributos de investigadores como os de Lamb, resultantes de observações em casa das famílias, em oposição às antigas observações laboratoriais derivadas essencialmente da Situação Estranha. Perante esta mudança, na terceira fase, o mesmo autor tentou perceber se os padrões de vinculação identificados pela equipa de Ainsworth se replicariam nas experiências recorrendo ao pai (em vez da mãe) como figura de vinculação. Nesta investigação, o autor provou que a criança poderia estabelecer diferentes padrões de vinculação com as diferentes entidades parentais (por exemplo, seguro com o pai, inseguro com a mãe ou vice-versa). Muitos estudos seguiram esta descoberta, inclusive os longitudinais que se desenvolveram nesta altura – o que leva à quarta fase, que introduziu a noção que em diferentes fases da vida, o sujeito poderá interagir com a mesma figura de vinculação (a mãe ou o pai) através de diferentes padrões de vinculação (em adulto passar a demonstrar uma vinculação segura quando na adolescência o padrão seria inseguro, ou vice-versa). Através dos estudos longitudinais foi também possível evidenciar empiricamente o impacto que as relações parentais têm na escolha do parceiro amoroso, como previamente teorizado por Bowlby.

Ao longo deste percurso histórico, existem na literatura várias posições sobre o que é diferente e o que é igual nas relações que as crianças estabelecem com o pai e com a mãe. Há autores que defendem que em situações de *stress* não é tão comum a criança recorrer ao pai como recorre à mãe

(a principal figura para oferecer conforto). Por essa razão, é frequente ser atribuído um papel secundário ao pai (Seibert & Kerns, 2009), ainda que a relação da mãe com a criança e do pai com a criança sejam relações distintas e únicas, e que dependem da qualidade da interação que cada um tem com a criança (Main & Weston, 1981). Onde é que se verificam as diferenças nestas relações? Autores como De Wolff e van IJzendoor (1997) defenderam que os sinais, interações e a sensibilidade expressa pelos pais e pelas mães diferem. Lamb, Frodi, Hwang, e Frodi (1983) referiram que a qualidade das interações do pai depende fortemente do envolvimento deste nos momentos de brincadeira. Contudo, mais tarde, Lamb (1987) chama atenção que tal facto pode não se aplicar a todas as culturas.

Sagi-Schwartz e Aviezer (2005) mostraram que a qualidade do vínculo paterno, por si só, não se relaciona com o desenvolvimento emocional, contudo, a existência de qualidade da vinculação com ambas as figuras (a mãe e o pai) demonstrou ter efeitos positivos na forma como os professores perceberam essas crianças. Nas idades entre os 11 e os 17 anos, evidenciou-se um maior impacto da relação com a mãe, contudo, aos 20 anos a relação com o pai mostrou contribuir para adaptação social dos jovens.

Seguindo esta linha de pensamento é possível encontrar na literatura um forte apoio à importância do pai e convergência entre ambas as relações. Caldera (2004) e também Steele, Steele e Fonagy, (1996), por exemplo, investigaram esta temática e reportaram uma convergência entre ambas figuras parentais no que diz respeito às suas relações com o filho(a). Contudo, Steele et al., (1996) consideraram a hipótese que estes resultados se deveriam a uma representação dos vínculos como semelhantes por parte da criança, não analisando o efeito de outras variáveis. A meta-análise de Fox, Kimmerly e Shafer (1991) foi neste mesmo sentido, havendo concordância entre os atributos direcionados para o vínculo materno e paterno. A este respeito, destacam-se também os trabalhos de Grossmann, Fremmer-Bombik, Kindler, Scheuerer-Englisch, e Zimmermann (2002) e de Bretherton (2010). Todos estes autores contribuíram para o estudo da vinculação demonstrando respetivamente o contributo do pai para a formação de um padrão de vinculação segura, e como os pais e as mães se encarregam de papéis diferenciados entre si, sendo portanto complementares e ambos indispensáveis. Com efeito, Afonso, Veríssimo, Fernandes, Borges, e Monteiro (2011) mostraram que quanto mais o pai estiver envolvido (especificamente nas atividades de brincadeira, disciplina e lazer), mais desenvolvidas serão as competências sociais das crianças (de acordo com a perceção das educadoras de infância), enquanto Caldera (2004) associou este envolvimento a níveis elevados de segurança. Por sua vez Bown, McBride, Shin, e Bost (2007) evidenciaram que este envolvimento traz benefícios para a própria relação pai-filho(a).

A literatura atual destaca não só a importância do pai, mas também de outras figuras de vinculação consideradas secundárias, que poderão desempenhar um papel complementar (e.g.: os avós, irmãos, tios, entre outros). Estas são mais relevantes, tendo em conta que se verifica um contexto sociocultural e económico que leva as mães a ocuparem a sua rotina com horários laborais e a deixarem os seus filhos a outros cuidadores (Amorim, Anjos, & Rosetti-Ferreira, 2012).

Capítulo 3: Vinculação na Pré-adolescência, Adolescência e o seu desenvolvimento.

Entre os 10 e os 12 anos, a criança caracteriza-se como produtora ativa do seu desenvolvimento, sendo influenciada pela perspectiva e atitudes dos pais perante a própria adolescência como fase da vida, com todos os estereótipos que a acompanham. Quanto mais próximas estiverem das expectativas dos pais, mais adaptado e adequado será o desenvolvimento da criança (Lerner, 1995).

Aos 11 anos, a criança já deverá ser capaz de ter classificações hierárquicas e organização semântica. Ou seja, já deverá ser capaz de categorizar hierarquicamente as suas relações, recordar-se de episódios passados associados a essas mesmas relações, avaliar-se a si mesmo e avaliar as suas relações com os seus pais. Tais capacidades surgem da tendência normativa de usarmos o outro como fonte de informações sobre nós próprios (Ruble, 1983). Tal, faz surgir, conseqüentemente, uma consciencialização de que diferentes situações requerem diferentes comportamentos perante os outros (Damon & Hart, 1988).

Brofenbrenner (1979) chama a atenção para o facto de que a relação pai/mãe – criança, está inserida numa rede social e num contexto próprio e que esse dito contexto irá ter um impacto nestas mesmas relações. Neste período, acrescentam-se às expectativas dos pais, o papel importante do nível de reciprocidade que é percebido pela criança nas suas relações com os seus pais e das características individuais de ambas as partes (ou seja, das figuras cuidadoras e do jovem). Dentro destas características, incluem-se as mudanças físicas, sociais e emocionais que ocorrem durante a puberdade (Richardson, 2005).

Na pré-adolescência (10-14 anos) continua a ser necessária a existência de figuras de vinculação (Allen, 2008). Porém, há uma mudança em relação ao uso das mesmas – deixa de lhes ser pedida proximidade, passa-lhes a ser pedido que estejam disponíveis. (Ainsworth, 1989). Ou seja, espera-se um distanciamento das figuras parentais, ao mesmo tempo que o jovem recorra a estas quando necessário. Passa a ser uma relação marcada por reciprocidade, onde é necessário o jovem coordenar o contacto e o acesso à figura de vinculação. Os pais passam a ter um estilo parental baseado na supervisão (Waters, Kondo-Ikemura, Posada, & Richters, 1991). Em suma, perde-se a disposição quase total e incondicional dos pais, de modo a dar não só o espaço que os pais merecem como pessoas adultas com sentimentos e pensamentos próprios, mas também para dar o espaço

ao adolescente de se tornar ele próprio. Este movimento de diferenciação, irá ser crucial para a formação da identidade do indivíduo (Soares, 2007).

Ao tornar-se adolescente, o indivíduo deixa de ver os laços vinculativos com as figuras paternas como uma fonte de segurança e acolhimento, mas sim como insegurança e restrição. Ao tratar-se de um período crítico para o desenvolvimento da autonomia do indivíduo, o adolescente vai necessitar cada vez menos dos pais, tios, avós, mesmo quando for a altura de explorar e conhecer o mundo (Allen, Hauser, Bell, & O’Conner, 1994; Allen & Land, 1999). Porém, o desenvolvimento da vinculação não irá opor-se inteiramente à autonomia do pais ou à vinculação parental, pelo contrário, Ainsworth (1969) chamou desde cedo à atenção, que, apesar de a independência e vinculação serem conceitos que se relacionam entre si, não deixam de ter significados diferentes e, como tal, não se deverá fazer confusão entre os dois, pois o contrário de independência é a dependência, e não a vinculação.

Sobre as diferenças entre a vinculação infantil e as transformações que ocorrem em específico no uso de Base Segura durante o processo de entrada na adolescência, Waters e Cummings (2000) desenvolveram o seguinte quadro:

Quadro Teórico 1: “O Fenómenos de Base Segura desde da Infância à Adolescência”, Waters e Cummings (2000), p.4.

Contexto da relação e suporte do cuidador	Representações e Comportamentos
Interação cooperativa e sensível.	Familiaridade, previsibilidade, preferência.
Cuidador monitoriza as atividades da criança, recupera e proporciona instruções explícitas em momentos de Base Segura.	Uso de Base Segura no contexto.
Cuidador encoraja independência com continuada supervisão.	Uso da Base Segura consolidado.
Cuidador sumariza explicitamente a experiência de Base Segura; Primeiras co-construções de representações de vinculações.	A representação da Base Segura torna-se móvel; parcerias de supervisão.
Cuidador como um interlocutor experiente, pares como figuras usadas como Base Segura e que requerem suporte de Base Segura de volta.	Aplicação de representações de experiências passadas para organizar o uso de Base Segura em serviço de relações amorosas, elaboração e consolidação de representações da vinculação.
Cuidador reage às decisões que o jovem faz nas suas relações. Relações parentais e com os pares servem como modelos.	Há o descobrir das expectativas implícitas, de preferências e sensibilidade; impacto nos sucessos e insucessos.

Numa perspetiva que assente na vinculação, a adolescência é um período de transição entre os padrões de vinculação ditos infantis, e a própria vinculação no adulto (Ward & Clarson, 1995). Sobre o adulto, Bowlby (1969, 1982) defende que a vinculação no adulto é semelhante na sua natureza aos padrões de vinculação vivenciados no passado. Há então uma ligação entre as relações estabelecidas entre as primeiras figuras de vinculação (os pais) e as relações estabelecidas com os companheiros românticos. Há por essa razão a salientar a importância do estabelecimento de uma vinculação segura desde cedo, pois a qualidade dos cuidados parentais é apontada frequentemente como a variável mais importante para o desenvolvimento infantil (Sroufe, 2002).

Neste sentido, diferentes épocas da vida obrigam a reconhecer diferenças nos processos que ocorrem ao longo das mesmas. Devido ao reportório mais variado e complexo de relações a registar na vida de um adulto, será importante distinguir as relações ditas de vinculação das restantes. Nas restantes, surgem como exemplos as relações de afiliação, dependência e de carácter sexual (Weiss, 1982; West & Sheldon-Keller, 1994).

Em suma, é a pressão para obter autonomia face aos pais que leva o jovem a estabelecer vinculações com os pares (Steinberg, 1990). Nesta lógica, Weiss (1982) explica que é através da vinculação aos pares, que surge na entrada da adolescência, que se dá o desenvolvimento dos comportamentos vinculativos. Estes já não são marcados tanto por um carácter de sobrevivência como anteriormente, já que surge uma nova dimensão nas relações, que será o envolvimento sexual. Dentro dos contributos destas novas figuras de vinculação, regista-se apoio psicológico, de conforto, e a promoção e validação de um esboço da identidade pessoal (Fuligni & Eccles, 1993; Meeus, Iedema, Maasen, & Engels, 2005). É este desenvolvimento e independência, agora obtida pelo indivíduo, que lhe permitirá ser ele próprio, mais tarde, a figura de vinculação dos seus filhos (Ward & Clarson, 1995).

Capítulo 4: Instrumentos que avaliam a vinculação na pré-adolescência.

Kerns et al., (2015) dão conta da existência de múltiplos questionários e entrevistas para avaliar a vinculação. Quer as entrevistas, quer os questionários, cumprem este propósito, tal como é mencionado no estudo onde os autores avaliaram os contributos dos dois tipos de instrumentos. Chamaram a atenção de que muitos instrumentos basearam os seus conteúdos em comportamentos associados ao Porto de Abrigo, deixando de parte itens dedicados a comportamentos relacionados com o fenómeno de Base Segura. Estes autores dedicaram-se à faixa etária dos 10 aos 14 anos. Explicam que perante o crescimento da criança e o conseqüente desenvolvimento e complexificação dos padrões de vinculação, deverá haver correspondência a essas mudanças nos respetivos instrumentos a serem usados.

O desenvolvimento de um constructo pressupõe a criação de instrumentos e medidas que o avaliem. No caso da avaliação do conceito de vinculação da criança e pré-adolescente (ou seja, até aos 12 anos), Guédény e Guédény (2015) dividem os seus instrumentos entre os que se apoiam na observação/perceção dos comportamentos de vinculação da criança, e os instrumentos que se apoiam na representação e análise da própria criança. Os mesmos autores nomearam como técnicas de avaliação da vinculação: as narrativas, o desenho e os questionários, onde se destaca a *Security Scale* (KSS), originalmente publicada por Kerns, Aspelmeier, Gentzler, e Grabill (2001) e mais recentemente adaptada pela mesma autora (Kerns et al., 2015), sendo o principal questionário direto e de autopreenchimento, em contraponto com o *Children Attachment Interview* (CAI), mais recente e da autoria de Target, Fonagy, e Shmueli-Goetz (2003). Uma vez que a CAI se trata de uma entrevista semiestruturada, sua aplicação e execução metodológica em estudos quantitativos é mais complexa em comparação com a KSS.

A *Friends and Family Interview* (FFI), originalmente desenvolvida por Steele, Steele, e Kriss (2009), surge também como uma alternativa à KSS. Esta entrevista foi também adaptada no estudo de Kerns et al., (2015) por ser um instrumento completo, que avalia a vinculação paterna e materna com as dimensões de Base Segura e Porto de Abrigo. Este foi um instrumento que evidenciou resultados mais ricos e significativos, segundo Kerns et al., (2015). Contudo, trata-se de uma entrevista aplicada individualmente a cada um dos participantes. Neste sentido, a sua aplicabilidade não se adequa da mesma forma que a KSS, que é um instrumento mais adequado para estudos quantitativos que acompanhem a aplicação de outras escalas, como acontece em vários projetos de investigação.

Instrumentos adaptados para a população portuguesa:

Entre os instrumentos que avaliam a vinculação dedicados a idades próximas das idades estudadas por Kerns et al., (2015), encontramos escalas adaptadas para a população portuguesa que dão acesso à perceção que a figura de vinculação (normalmente a mãe) tem dos comportamentos da sua criança.

Previamente à listagem das adaptações para português, menciona-se o trabalho de Dias, Soares, e Freire (2002), que se reporta à criação de uma escala percetiva original portuguesa a que deram o nome de Escala de Perceção Materna do Comportamento de Vinculação da Criança, aplicada a mães de crianças de 6 anos.

No que diz respeito à avaliação da vinculação em adolescentes, o *Adolescent Attachment Questionnaire* (AAQ), originalmente validado por West, Rose, Spreng, Sheldon-Keller, e Adam (1998), foi adaptado para a população portuguesa por Ribeiro e Sousa (2002). Trata-se de um

questionário destinado a ser aplicados a sujeitos entre os 14 e os 20 anos de idade, e possui três dimensões – dimensão de “Disponibilidade” - percepção do adolescente da disponibilidade e das respostas dadas pela figura da vinculação e ainda as dimensões de “Parceria Corrigida para Objetivos” (quanto o adolescente tem em consideração os sentimentos da figura de vinculação), e a dimensão “Zanga” (respostas negativas perante a indisponibilidade da figura de vinculação).

Security Scale (KSS):

Kerns et al., (2015) concluíram que houve uma relação entre os resultados obtidos através da entrevista (FFI) e da KSS. Apesar de terem constatado que a entrevista revelou ser mais precisa, estes dois métodos ao estarem associados demonstraram a validade da KSS, considerando que os dois instrumentos avaliam o mesmo constructo. A validação desta escala realizada no procedimento metodológico do estudo de Kerns et al., (2015) permite ter acesso às duas dimensões de uso da figura de vinculação – Base Segura e Porto de Abrigo. De igual modo, permite ter os resultados destas duas dimensões para as duas entidades principais – paterna e materna. Estas dimensões estão em falta nos restantes instrumentos desenvolvidos acerca deste tema, o que torna a KSS, por estas razões, um instrumento inovador, tal como é defendido pelos próprios autores.

Ambas as dimensões (paterna e materna) são compostas por 21 itens, 15 itens sobre o Porto de Abrigo e 6 itens novos introduzidos sobre a Base Segura. Cada item apresenta duas frases baseadas em duas crianças diferentes – uma criança A e uma criança B, e a partir das mesmas são feitas perguntas seguindo o seguinte modelo: a criança A fez isto, mas a B fez aquilo, com qual és mais parecido? O quanto parecido? Dois exemplos de itens retirados da versão original são: “*Some kids find it easy to trust their mom BUT Other kids are not sure if they can trust their mom*” e “*Some kids feel like their mom always encourages them to follow their interests BUT Other kids feel like their mom does not always encourage them to follow their interests*”. Os participantes podem escolher preencher com uma cruz na opção para ambos os tipos de criança: “*Really true for me*” (É exatamente como eu) ou “*Sort of true for me*” (Sou um bocadinho assim). Os itens correspondentes constituem a dimensão dedicada à relação do participante com o seu pai ou outra figura paterna substituindo *mom* por *dad*. Para cada item, utiliza-se uma escala de Likert de mínimo 1 e de máximo 4.

Capítulo 5: Objetivo, Hipóteses e Pertinência.

Bowlby chamou a atenção desde o início para o facto de que o estudo da vinculação traz fortes contributos para a compreensão da saúde mental do ser humano (Bowlby, 1969, 1982). Porém, a Teoria da Vinculação com o passar do tempo necessita de novas análises empíricas, que confirmem a validade e coerência da mesma (Waters & Cummings, 2000). A medição das dimensões

englobadas na vinculação deve ter em conta as diferenças etárias e culturais de cada população (Ainsworth et al., 1978; Waters et al., 1991).

Se, por outro lado, atendermos a que novas medições podem corroer a coerência da Teoria de Vinculação, deve considerar-se que um instrumento que avalie a vinculação deverá também englobar conteúdos de Base Segura e não apenas de Porto de Abrigo (Waters & Cummings, 2000) – que foram incluídos na construção da versão original que cumpre, assim, este ponto de vista.

No fundo, a qualidade de um cuidador é expressa não só pela sua disponibilidade e resposta numa situação de emergência, mas também em situações sem *stress* para a criança. A inclusão das mesmas nos estudos sobre a vinculação em diferentes fases da vida e em diferentes contextos culturais irá dar acesso a uma visão mais completa sobre esta temática (Waters & Cummings, 2000).

Steele e Steele (2005) deram ênfase à independência entre a vinculação materna e a vinculação paterna. Esta independência foi evidenciada a nível estatístico. Os mesmos autores defendem que para o estudo da vinculação na pré-adolescência será importante, em estudos futuros, tentar compreender como é que a relação mãe-criança e pai-criança se relacionam entre si.

Dos 10 aos 12 anos acontecem muitas mudanças físicas, cognitivas e sociais (Hill, 1983). Contudo, este é um período da vida humana pouco estudado dentro do âmbito da Teoria da Vinculação. Será importante compreender que implicações são introduzidas na relação pais-crianças na entrada da adolescência (Richardson, 2005). Para conseguir isto, e à semelhança do que foi obtido por Kerns et al., (2015), a validação da versão portuguesa da KSS irá abrir caminhos nas investigações quantitativas portuguesas que estudem a forma como se relaciona o tipo de vínculo da criança quer à mãe, quer ao pai, com a coerência narrativa, o ajustamento escolar, as estratégias de *coping*, entre outras variáveis apoiadas pela restante literatura como a autoestima (Batgos & Leadbeater, 1994), as relações com os pares e o rendimento académico (Kerns et al., 2015) e a própria saúde mental das crianças (Carvalho, 2007).

Assim, os estudos de adaptação desta escala para a população portuguesa poderão contribuir igualmente para a investigação da vinculação ao longo das várias fases do ciclo de vida humana (sendo raros os instrumentos e estudos realizados na faixa etária entre os 10 e os 12 anos, uma vez que esta é uma área ainda em crescimento) e, também, para os estudos multiculturais, permitindo a Portugal e à população portuguesa integrar-se nos mesmos, assim como também, alargar o estudo aos múltiplos núcleos culturais e étnicos que Portugal e a comunidade lusodescendente abrangem.

Neste sentido, estabelecemos como objetivo do presente estudo, adaptar a KSS para a população portuguesa, com o propósito de apoiar futuras investigações neste domínio, e aceder a uma metodologia mais completa e atual de avaliar os padrões de vinculação.

Propomo-nos a responder à seguinte questão de investigação: as dimensões que constituem a KSS (Base Segura referente à mãe e ao pai; Porto de Abrigo referente à mãe e ao pai) relacionam-se entre de si de forma semelhante à do instrumento original, quando adaptadas e aplicadas à população portuguesa?

Colocamos como Hipótese de Investigação, que o modelo fatorial da KSS (versão portuguesa) confirme a relação pressuposta entre os itens e as respetivas dimensões estabelecidas pela autora da versão original. Espera-se que esse modelo confirme também a relação encontrada por Kerns et al., (2015) entre o “Porto de Abrigo” e a “Base Segura” – o que corresponderá a uma correlação positiva entre os dois. Espera-se portanto, que quanto maior for o nível Porto de Abrigo para o pai, maior será o Porto de Abrigo para a mãe e quanto maior for a Base Segura para o pai, maior será a Base Segura para a mãe.

Para confirmar esta hipótese, seguimos um delineamento empírico correlacional, recorrendo a uma análise fatorial confirmatória e análise das diferenças correlações entre as dimensões estudadas, uma vez que os estudos de delineamento correlacional caracterizam-se por usar variáveis que não sejam manipuladas, mas sim medidas (Judd & Saddler, 2008).

Metodologia

Participantes:

Os participantes são 176 jovens, dos quais 90 são alunos do 5º e 86 do 6º ano. Ao todo participaram 93 raparigas e 82 rapazes (com 0,6% de *missing values*, ou seja, de não respostas), que apresentaram uma idade média de 10 anos e meio ($M = 10.57$, $DP = .5816$). Os pais dos alunos que participaram apresentaram uma idade média de 45 anos e meio ($M = 45.52$, $DP = 5.1603$). Por sua vez, as mães registaram uma idade média de 43 anos ($M = 43.39$; $DP = 4.2736$). Relativamente ao estado civil do pai e mãe de cada aluno, regista-se ainda 1,1% de *missing values*, e que o estado civil “Casados” foi mais predominante respondido (73.9%), seguindo-se o “Divorciados” (20.5%), em “União de Facto” (2.8%), e por fim “Outros” com 1,7% (como por exemplo “Namorados”). Para ter acesso à amostra obtida, foi essencial o envolvimento e colaboração não só dos encarregados de educação, mas também da direção, do Coordenador do 2º ciclo, e das psicólogas do externato que acompanharam e apoiaram o processo.

Registam-se como critérios de exclusão: a idade (crianças que não correspondam à idade indicada); crianças cujos encarregados de educação não autorizarão a aplicação das escalas destinadas aos seus educandos – ou seja, que aquando da entrega do consentimento informado, não autorizaram a participação da mesma; crianças com diagnóstico de patologias com danos mentais diagnosticadas (exemplo: trissomia 21, debilidade mental); e por fim, crianças com um

contexto familiar étnico, social e cultural muito distinto (exemplo: crianças inseridas na etnia cigana, asiática, etc.), onde os significados dos padrões comportamentais de vinculação expressos poderão variar da norma.

Instrumentos:

Entre a totalidade de instrumentos aplicados ao longo do projeto de investigação “Qualidade das relações Parentais, Amizade e Autoestima”, para o presente estudo recorreu-se à “Ficha de Identificação” e à KSS de Kerns et al. (2015) adaptada para português (KSS – versão portuguesa).

Ficha de Identificação: Questionário sociodemográfico, onde cada aluno participante preencheu o seu nome, idade, data de nascimento, género, o nome da escola, ano escolar, turma, estado civil dos pais (casados, divorciados/separados, em união de facto, outros), número de irmãos, número de irmãs, profissão e idade da mãe e do pai, e estado profissional de ambos (se trabalham atualmente ou não).

Security Scale (KSS)– Versão Portuguesa: o instrumento original foi desenvolvido por Kerns et al. (2015), é constituído por duas dimensões – uma dedicada à vinculação à mãe, e outra à vinculação ao pai. Ambas as dimensões são constituídas por 15 itens sobre o Porto de Abrigo, e 6 itens introduzidos sobre a Base Segura, fazendo um total de 21 itens para cada dimensão. A versão portuguesa foi contruída a partir deste modelo original, sendo igualmente composta por duas dimensões (vinculação materna – KSSM, e vinculação paterna - KSSP).

À semelhança do original, a distribuição dos itens de ambas as dimensões foi a seguinte:

Itens do Porto de Abrigo: 1,3, 4, 6, 7, 9, 10, 12, 13, 15, 16, 18, 9, 21.

Itens da Base Segura: 2, 5, 8, 11, 14, 17, 20.

O resultado de cada uma das dimensões é a média dos valores respondidos nos respetivos itens da dimensão, assim como o resultado da escala completa é a média dos valores respondidos na totalidade dos itens.

Cada item apresenta duas frases sobre duas crianças diferentes – uma criança A e uma criança B. A partir das mesmas, foram feitas perguntas seguindo o seguinte modelo: a criança A fez isto, mas a B fez aquilo. Com qual és mais parecido? O quanto parecido? Dois exemplos de itens da versão portuguesa são: “Algumas crianças acham fácil confiar na sua mãe MAS Outras crianças não têm a certeza se podem confiar na sua mãe”, e “Algumas crianças sentem que o seu pai as encoraja sempre a seguir os seus interesses MAS Outras crianças sentem que o seu pai nem sempre as encoraja a seguir os seus interesses”. Nos itens correspondentes para criar a dimensão “O teu pai”, onde cada item se referia a “mãe”, substituiu-se por “pai”.

A cotação de cada item é atribuída consoante a resposta ao mesmo: 1 – A criança A é exatamente como eu; 2 – A criança A é mais ou menos como eu; 3 – A criança B é mais ou menos como eu; 4 – A criança B é totalmente como eu. Neste modelo, a criança B mostrava relacionar-se com menos dificuldades / resistências do que a criança A. Contudo, em alguns itens esta lógica foi invertida. Ou seja, alguns itens foram construídos seguindo uma lógica de cotação invertida (ou seja, que seguem uma ordem 4, 3, 2, 1) para evitar aparecerem respostas estereotipadas dadas pelos participantes e, conseqüentemente, evitar enviesamentos nos resultados.

Os itens de cotação invertida são: 01, 03, 04, 05, 08, 12, 13, 14, 17, 18, 20, 21.

Procedimento:

Este estudo inseriu-se no projeto de investigação “Relações Parentais, Amizade e Autoestima”, realizado em conjunto com uma colega do seminário de dissertação e com o apoio da nossa orientadora e de uma assistente de investigação do centro de investigação - *William James Center for Research*, do ISPA-IU. Por se tratar de um projeto de investigação, o seu início foi marcado pela assinatura do Termo de Responsabilidade da Comissão de Ética do ISPA - IU (Anexo 1). Iniciou-se o projeto com o processo de tradução e adaptação da KSS para a língua portuguesa, sendo que esta adaptação teve em conta uma dimensão dedicada a uma figura materna (mãe, avó, madrastra), e outra para as figuras paternas (pai, avô, padrasto). Os conteúdos das duas dimensões são idênticos, variando apenas a nomeação da figura a que se refere - mãe/ pai. Esta adaptação foi realizada através do processo de tradução dos itens e retroversão dessa tradução de modo a validar o significado dado aos conteúdos dos itens (Hill & Hill, 2000). Foi essencial a colaboração dos elementos da equipa do projeto de investigação onde este estudo se insere. Todos participaram ativamente no processo de tradução da KSS. A esta etapa inicial, seguiu-se o contacto com as escolas.

O primeiro contacto com a direção de uma escola em Lisboa com o intuito de pedir autorização para a realização desta investigação realizou-se em Novembro de 2015. Nesta abordagem recorreu-se a um Folheto Informativo sobre o projeto de investigação onde se insere este estudo (Anexo 2). Após a autorização do diretor da instituição, este encaminhou-nos para a equipa de psicologia do segundo ciclo e para a própria Coordenação do 2º ciclo. Através desta última, foram entregues cópias do consentimento informado (ver no Anexo 3) a ser entregue aos pais das 240 crianças do segundo ciclo do externato. Tendo em conta estas características do processo, este foi um processo de amostragem por conveniência (Marôco & Bispo, 2005).

Após a recolha dos consentimentos informados entregues, preenchidos pelos pais, e anteriormente à recolha de dados, foi orientado pela coordenação do segundo ciclo quais as aulas

que seria possível ocuparmos com a aplicação dos nossos questionários. Criada essa disponibilidade, realizou-se a aplicação dos questionários, feita essencialmente no tempo letivo de disciplinas que não têm conteúdos programáticos exigentes, obrigatórios, e que eram leccionadas pelos próprios Diretores de Turma. Para ter acesso à amostra obtida, foi essencial o envolvimento e a colaboração não só dos encarregados de educação, mas também da direção, do coordenador do 2º ciclo, das psicólogas do Externato que acompanharam e apoiaram o processo. Terminada a recolha dos dados, foi feita a análise estatística dos mesmos através dos *softwares* AMOS (v.21, SPSS Inc, Chicago, IL) e IBM SPSS – Statistical Package for the Social Sciences (versão 22).

Resultados

A estrutura fatorial da KSS (versão portuguesa) foi avaliada através de uma análise fatorial confirmatória com o *software* AMOS (v.21, SPSS Inc, Chicago, IL), utilizando o método de Máxima Verosimilhança (ML) aplicado numa amostra de crianças portuguesas.

Foi realizada uma análise preliminar da normalidade univariada e multivariada da distribuição dos valores das variáveis, através dos coeficientes de assimetria (Sk), de curtose (Ku) e de mardia (para a curtose multivariada), e ainda a presença de *outliers* através da distância quadrada de Mahalanobis (D^2) (Kline, 2016). Na Tabela 1 pode observar-se que o item 13 apresentou Sk de 4.29 e Ku de 19.93 - o que indica violação à distribuição Normal ($|Sk| > 3$ e $|Ku| > 10$, Marôco, (2010). Porém, nos restantes itens, não se verificou violações severas neste critério. Apesar de não se verificar o pressuposto de normalidade neste item, manteve-se o método Máxima Verosimilhança, uma vez que a utilização de outros métodos, parece ser mais apropriada para amostras de maior dimensão (com $N > 2000$), (Marôco, 2010).

No passo seguinte, para avaliar a qualidade de ajustamento global do modelo fatorial foram utilizados os valores de referência descritos por Marôco (2010), designadamente: os índices de ajustamento absolutos, que avaliam a qualidade do modelo *per se* (χ^2/df); os índices de ajustamento relativos, que avaliam o modelo por comparação ao modelo de independência e ao modelo saturado (Comparative Fit Index, CFI); os índices de parcimónia, que são semelhantes aos índices relativos, mas consideram a complexidade do modelo (Parsimony Comparative Fit Index, PCFI); e finalmente, os índices de discrepância populacional, que comparam o ajustamento do modelo obtido com o modelo populacional (Root Mean Square Error of Approximation, RMSEA, PCLOSE).

Tabela 1: Análise da normalidade global da KSS (versão portuguesa).

Item	Min	Max	Assimetria (S_k)	c.r.	Curtose (K_u)	c.r.
KSS21	1	4	-2,12	-16,15	4,44	16,91
KSS19	1	4	-,49	-3,75	-1,30	-4,93
KSS18	1	4	-,76	-5,77	-,60	-2,70
KSS16	1	4	-1,61	-12,22	1,89	7,19
KSS15	1	4	-,84	-6,41	-,82	-3,10
KSS13	1	4	-4,29	-32,70	19,93	75,89
KSS12	1	4	-1,03	-7,82	,09	,33
KSS10	1	4	-2,35	-17,90	4,63	17,64
KSS09	1	4	-1,15	-8,77	-,33	-1,25
KSS07	1	4	-,59	-4,53	-,67	-2,55
KSS06	1	4	-,40	-3,03	-1,10	-4,17
KSS04	1	4	-1,34	-10,24	,59	2,26
KSS03	1	4	-2,34	-17,84	5,78	22,02
KSS01	1	4	-2,24	-17,02	4,30	16,35
KSS20	1	4	-1,55	-11,78	1,68	6,38
KSS14	1	4	-1,26	-9,59	1,17	4,45
KSS11	1	4	-1,83	-13,97	2,48	9,45
KSS08	1	4	-1,63	-12,44	1,86	7,09
KSS05	1	4	-1,51	-11,48	2,01	7,66
KSS02	1	4	-,30	-2,32	-1,10	-4,20
KSS17	1	4	-2,69	-20,51	7,83	29,80
Multivariada					174,61	52,40

Nota: c.r – critical ratio.

De seguida, o modelo original da KSS foi ajustado à nossa amostra de 348 questionários (total de questionários preenchidos das duas escalas pelos 176 participantes – da KSSM, referente à mãe, e da KSSP, referente ao pai). Foi obtido um bom ajustamento global, considerando os valores referidos na literatura (Byrne, 2001; Marôco, 2010), com um $\chi^2/df = 1.93$ (que deverá ser < 2); um CFI = 0.82, (desejavelmente > 0.90 , mas ainda assim satisfatório pois é > 0.80); um PCFI = 0.74 (que deverá ser > 0.60); um RMSEA = 0.05, quando deverá ser < 0.05 para indicar um ajustamento muito bom; e ainda um PCLOSE de 0.28 (maior que 0.05).

Posteriormente, analisou-se o ajustamento local do modelo. Na Tabela 3 são apresentados os pesos fatoriais estandardizados (λ), Fiabilidade individual dos itens (λ^2), a fiabilidade compósita dos fatores (FC) - um indicador da consistência interna (Fornell & Larcker; 1981); e ainda a variância extraída média (VEM) - um indicador da sua validade convergente (Hair, Black, Babin, & Anderson, 2010; Marôco, 2010). Como se pode constatar, todos os itens apresentaram pesos fatoriais estandardizados iguais ou superiores a 0.5 à exceção de quatro itens (os itens 02, 07, 09 e 14). Os restantes itens apresentaram validade fatorial (Marôco, 2010). A fiabilidade compósita revelou-se adequada, com todos os valores superiores a 0.7 e, finalmente, em relação à VEM, ambas as dimensões apresentam valores inferiores 0.5 revelando problemas ao nível da validade convergente segundo o racional metodológico de Marôco (2010).

Tabela 2: Propriedades psicométricas da versão portuguesa da KSS.

Dimensões	Item	Λ	λ^2	Erros	Fiabilidade Compósita	V.E.M
Base Segura	KSS02	0,30	0,09	0,91		
	KSS05	0,57	0,33	0,67		
	KSS08	0,58	0,34	0,66		
	KSS11	0,55	0,31	0,69		
	KSS14	0,58	0,33	0,67	0,72	0,419
	KSS17	0,52	0,27	0,73		
	KSS20	0,55	0,30	0,70		
	KSS13	0,51	0,26	0,74		
	KSS01	0,61	0,37	0,63		
	KSS03	0,63	0,39	0,61		
Porto de Abrigo	KSS04	0,53	0,28	0,72		
	KSS06	0,57	0,33	0,67		
	KSS07	0,26	0,07	0,93		
	KSS09	0,41	0,17	0,83	0,84	0,424
	KSS10	0,57	0,32	0,68		
	KSS12	0,64	0,40	0,60		
	KSS15	0,50	0,25	0,75		
	KSS16	0,72	0,52	0,48		
	KSS18	0,54	0,29	0,71		
	KSS19	0,35	0,12	0,88		
	KSS21	0,53	0,28	0,72		

Nota: λ - peso fatorial individual, V.E.M – Variância Extraída Média.

Perante estes resultados, debateu-se sobre a eliminação dos quatro itens assinalados. Tendo em conta que é um instrumento recente e vulnerável a novas análises e alterações (inclusive por parte dos próprios autores da escala original), que após se ter testado a sua eliminação não se verificou diferenças significativas nos valores (ver Anexo 4), e uma vez que foram obtidos bons níveis de ajustamento, optou-se por preservar os 4 itens em questão. A reflexão sobre os contributos do mesmo a nível teórico é abordada mais à frente na discussão.

Analisou-se a invariância multigrupos (considerando as dimensões pai e mãe – KSSM e KSSP), da estrutura fatorial proposta; a invariância métrica pelo estudo da diferença do Qui-Quadrado ($\Delta\chi^2$) entre os dois grupos e ainda, posteriormente, analisou-se a diferença dos pesos fatoriais através dos rácios críticos (z-scores) (Marôco, 2010). Noutras palavras, por fim, testou-se se a escala dedicada à mãe (KSSM) e a escala dedicada ao pai (KSSP) apresentavam diferenças estruturais nos fatores considerados. Pode-se observar na Tabela 3 (através do *p-value*) que existem diferenças significativas entre os modelos; e na Tabela 4 que estas diferenças verificam-se em 15 dos 21 itens.

Tabela 3: Análise da invariância multigrupos da estrutura fatorial proposta, a invariância métrica pelo estudo da diferença do Qui-Quadrado ($\Delta\chi^2$)

	χ^2	<i>Df</i>	<i>p</i>
<hr/>			
Modelo Global			
Não Constrangido	727,09	376	
Totalmente Constrangido	776,91	397	
Número de Grupos		2	
Diferença	49,82	21	0,0003

Tabela 4: Análise individual de cada item na diferença na estrutura fatorial entre KSSM e a KSSP

Item	Dimensão	KSSP		KSSM		χ^2 -score
		<i>Estimate</i>	<i>p</i>	<i>Estimate</i>	<i>p</i>	
KSS02	BS	,27	< .001	,42	< .001	1,37***
KSS05	BS	,41	< .001	,38	< .00	-0,32
KSS08	BS	,50	< .001	,32	< .001	-2,21***
KSS11	BS	,54	< .001	,40	< .001	-1,57***
KSS14	BS	,56	< .001	,33	< .001	-2,69***
KSS17	BS	,36	< .001	,20	< .001	-2,58***
KSS20	BS	,48	< .001	,38	< .001	-1,24***
KSS01	PA	,54	< .001	,31	< .001	-3,22***
KSS03	PA	,45	< .001	,30	< .001	-2,39***
KSS04	PA	,50	< .001	,37	< .001	-1,44***
KSS06	PA	,65	< .001	,41	< .001	-2,28***
KSS07	PA	,21	0,006	,26	< .001	0,45
KSS09	PA	,48	< .001	,39	< .001	-0,67
KSS10	PA	,45	< .001	,36	< .001	-1,18***
KSS12	PA	,62	< .001	,48	< .001	-1,48***
KSS13	PA	,34	< .001	,09	< .001	-5,08***
KSS15	PA	,56	< .001	,48	< .001	-0,66
KSS16	PA	,62	< .001	,47	< .001	-2,06***
KSS18	PA	,51	< .001	,49	< .001	-0,20
KSS19	PA	,41	< .001	,43	< .001	0,20
KSS21	PA	,42	< .001	,31	< .001	-1,42***

Notas: *** $p < .01$; B.S – Base Segura, P.A – Porto de Abrigo.

Por fim, analisámos as correlações e as diferenças entre as dimensões da KSS (versão portuguesa), segundo a orientação de Marôco (2005). Foi possível comprovar que a amostra apresentou em média um padrão de vinculação segura relativamente às quatro dimensões estudadas, como se pode constatar pelas seguintes médias (superiores a 3): $M = 3.50$ ($DP = 0.43$) na Base Segura relativa à mãe, $M = 3.48$ ($DP = 0,42$) no Porto de Abrigo relativamente à mãe, $M = 3.38$ ($DP = 0.51$) na Base Segura relativamente ao pai e $M = 3.23$ ($DP = 0.53$) no Porto de Abrigo relativamente ao pai.

A amostra no total evidenciou ter níveis mais elevados na vinculação materna demonstradas por diferenças significativas reveladas por testes t de Student relativamente aos valores mais baixos demonstrados relativamente ao pai, isto para ambas as dimensões de Base Segura (BS): $t(173)=2.84$, $p = 0,05$; e de Porto de Abrigo (PA): $t(173)=6.12$, $p < 0.001$. Foram obtidos resultados semelhantes quando separados os rapazes e as raparigas, verificando-se uma primazia do uso da figura materna quer como BS, $t(173)= 2.84$, $p=.005$, quer como PA, $t(173)= 6.12$, $p=.000$.

Ao compararmos os rapazes e as raparigas que participaram no estudo, observou-se que as raparigas recorrem mais a comportamentos de BS com a mãe quando comparadas com os rapazes: $t(171)= 2.31$, $p = 0.02$; e mais comportamentos de PA com os pais quando também comparadas com os rapazes: $t(171)= 2.03$, $p = 0.04$, sendo estas as únicas diferenças significativas obtidas estatisticamente.

O estudo das associações entre as dimensões obteve-se através dos coeficientes de correlação de *Pearson* (Marôco, 2005). Encontraram-se correlações positivas e significativas entre a BS da KSSM e da KSSP ($r = 0.34$; $p < .001$), e ainda entre o PA da KSSM e da KSSP ($r = 0.36$; $p < .001$). Também se encontraram correlações positivas quando separados os sexos (nas raparigas: $r = 0.47$; $p < .001$ e nos rapazes $r = 0.47$; $p < .001$). Por fim, as correlações entre o a Base Segura da KSSM e o Porto de Abrigo da KSSP (e vice versa) revelaram também ser positivas, sendo respetivamente: $r = 0.35$, $p < .001$ entre BS da KSSM e o PA do KSSP, e $r = 0.25$, $p < .001$ entre a BS da KSSP e o PA do KSSP.

Porém, quando estudada a associação das dimensões da KSS (versão portuguesa) com a idade, as únicas correlações significativas encontradas foram as correlações negativas entre a Base Segura da KSSM e a idade da criança ($r = -0.19$; $p < .05$) e entre a Base Segura da KSSP e a idade do pai ($r = -0.16$; $p < .05$). Ou seja, quanto mais velha é a criança, menos esta recorre à mãe como Base Segura. E da mesma forma, quanto mais velha é a figura paterna, menos a criança recorre a esta como Base Segura.

Discussão

No presente trabalho propusemos validar para a população portuguesa uma escala recente, originalmente desenvolvida por Kerns et al., (2015) – a *Security Scale*, e testar se os resultados obtidos na aplicação da escala original se replicariam numa amostra de pré-adolescentes portugueses. Assim, fomos verificar se as duas dimensões estudadas (Base Segura e Porto de Abrigo) se correlacionam positivamente quando associadas às duas figuras parentais (isto é, que quanto maior for o nível de Base Segura para a mãe, maior este será para o pai, e o mesmo seria esperado também para a dimensão Porto de Abrigo).

A KSS (versão portuguesa) demonstrou na globalidade uma distribuição normal, um bom nível de ajustamento nos vários testes que lhe foram aplicados para este critério e, ainda, fiabilidade e consistência interna adequadas. Porém, ao longo da análise fatorial confirmatória da escala foram encontradas fragilidades e resultados que não estavam de acordo com o que seria esperado. Mais precisamente, a nível da validade externa média (VEM) da escala (ou seja, esta não apresentou uma validade convergente desejável) e, ainda, a nível da estrutura fatorial de ambas as versões para mães e pais (KSSM e KSSP). Seria esperado que as mesmas não apresentassem diferenças significativas e que o modelo fatorial fosse semelhante para pais e mães, contudo, os nossos resultados não confirmaram esta hipótese.

Perante estas fragilidades encontradas na análise fatorial, será importante refletir sobre a contribuição teórica que os itens com peso fatorial fraco representam ao nível do conceito que procuram avaliar. Na dimensão de Base Segura, foi identificado com pouco peso fatorial o item 02 -“Outras crianças sentem que a sua mãe / o seu pai deixa-as fazer as coisas por si próprias”. Neste item, a escolha de uma resposta negativa por parte dos participantes identifica uma exploração por parte da criança e um comportamento de Base Segura deficiente no sentido em que a figura de vinculação é percebida como intrusiva e como uma fonte de insegurança, e não o oposto que iria mais de acordo com uma vinculação segura. Em concordância com o constructo de Base Segura dos autores da escala original (Kerns et al., 2015).

Por sua vez, no que respeita à dimensão de Porto de Abrigo, foram identificados com pouco peso os itens 07, 09 e 19, que refletem os seguintes conteúdos: 07-“Outras crianças precisam da sua mãe/ do seu pai para muitas coisas”; 09-“Outras crianças estão contentes com a proximidade que têm com a sua mãe / o seu pai”; 19-“Outras crianças pensam que a sua mãe / o seu pai as ajudam o suficiente”. O item 7 indica o uso (em oposição à desistência) da figura de vinculação como fonte de apoio quando a criança sente necessidade desta, por sua vez, os itens 9 e 19 avaliam se esse pedido é correspondido, havendo uma análise alargada do conceito de Porto de Abrigo e dos dois movimentos (pedido de ajuda e resposta tranquilizadora dada perante o mesmo). É defendido logo na conceção clássica (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1982), e desenvolvido por Kerns et al., (2015) que o comportamento de Porto de Abrigo inclui estes dois momentos: a procura (ou ausência de procura) por parte da criança da figura de vinculação para apoio, e se a criança se sente reconfortada por esta figura. Conclui-se, portanto, a contribuição teórica que este conjunto de itens oferece a esta versão da KSS.

No fundo, a escolha de manter estes itens assentou no querer preservar os conteúdos que a escala avalia, a sua riqueza e características únicas enquanto instrumento (as dimensões que lhe são específicas), principalmente tendo em conta que se trata de um instrumento recente e

inevitavelmente vulnerável, e visando aplicações futuras da *Security Scale* – versão portuguesa, inclusive na aplicação da mesma nos restantes estudos do Projeto “Qualidade das relações Parentais, Amizade e Autoestima”.

Os nossos resultados começaram por caracterizar a amostra com um estilo de vinculação maioritariamente seguro (com médias entre os 3.23 aos 3.50, sendo o mínimo de respostas de valor 1 e o máximo de valor 4). Estes resultados enquadram-se no que seria esperado tendo em conta as características específicas da nossa amostra, uma vez que esta é constituída por alunos que pertencem a uma instituição de ensino privado. O ensino privado português na sua generalidade exige custos financeiros (e o suporte desses custos, requer por vezes estruturas e ambientes familiares e sociais estáveis), assim como valores e hábitos específicos propícios a que os alunos possam frequentar esta instituição (por exemplo, relativamente à religião). Esta estabilidade é visível na percentagem elevada (73.9%) de participantes com pais casados.

A figura materna foi apontada como mais solicitada para os dois tipos de comportamentos de vinculação na amostra total. No entanto, as participantes de sexo feminino demonstraram estar mais fortemente vinculadas quando comparadas com os participantes de sexo masculino, mostrando recorrer mais à mãe quando, sem *stress*, desejam explorar com o apoio da mesma (Base Segura) e, ainda, recorrer mais ao pai, quando em *stress*, precisam de reconforto e de segurança (Porto de Abrigo). Estes resultados parecem sugerir a relevância do pai enquanto figura parental, opondo-se a uma perspetiva que coloca o pai como figura dita secundária. Esta evidência é consistente com estudos prévios de Caldera (2004) e de Steele et al., (1996) que, anteriormente, já apresentaram evidências que suportam esta questão.

Outro resultado apresentado que segue o mesmo sentido são as correlações aplicadas entre a Base Segura da KSSM e o Porto de Abrigo da KSSP (e o mesmo acontece invertendo as duas escalas). Estas foram positivas, sugerindo que quando maior for o nível de Base Segura num dos progenitores, maior será o Porto de Abrigo no outro progenitor. Estes resultados permitem evidenciar, também, a importância do pai enquanto figura que desempenha um papel complementar. Contudo, esta complementaridade não vai no sentido dos estudos de Kerns et al., (2015), Seibert e Kerns (2009), Bögels e Phares, (2008); Bretherton, (2010), Grossmann et al., (2008), uma vez que estes estudos defendem que o pai surge como uma figura importante no comportamento de Base Segura, porém, os nossos resultados indicam que as crianças desta amostra, na sua globalidade, recorrem à mãe quer como Base Segura, quer como Porto de Abrigo. Um fator que possa ter contribuído para esta diferença entre os nossos resultados e os resultados dos autores da KSS original, poderá decorrer da especificidade da nossa amostra, indicando uma possível imaturidade derivada de um maior investimento na relação materna. Tal predominância

materna pertence a um padrão de vinculação de carácter mais infantil, como caracterizado por Bowlby (1969).

Como proposto na hipótese de investigação, foi testado se quanto maior for o nível Porto de Abrigo ou Base Segura para o pai, maior será o valor destas mesmas dimensões para a mãe. Confirmou-se esta hipótese ao analisarmos as correlações e verificarmos que replicaram os resultados de Kerns et al., (2015), ou seja, a nossa amostra apontou para as mesmas conclusões. Obtiveram-se, portanto, correlações positivas referentes às duas dimensões estudadas (Base Segura e Porto de Abrigo) quando associadas as escalas dedicada à figura materna (KSSM) e à dedicada à figura paterna (KSSP). Estes resultados, tendo em conta a sua significância e concordância com os do estudo da escala original, apoiam a validação deste instrumento para a população portuguesa.

A característica da KSSM e da KSSP que explica estes resultados poderá ser a sobreposição de conteúdos entre as duas. Os itens são idênticos, o que os leva a abordar os mesmos tópicos e contextos, o que poderá levar as crianças que estão a preencher a dar respostas idênticas e/ ou próximas para as duas figuras de vinculação. Foi possível observar no decorrer da recolha algumas reações dos participantes aquando do preenchimento das duas escalas. Uma dessas reações foi por exemplo “Ah! É igual! Vou preencher igual porque gosto dos dois”.

Por fim, testou-se que efeitos teriam as idades dos membros da tríade nas dimensões da KSS. Observou-se que quanto mais velha é a criança menos esta recorre à mãe como Base Segura. Este resultado possivelmente deve-se ao facto das crianças com idades superiores já recorrerem mais aos pais como Base Segura em comparação com crianças mais jovens (Waters & Cummings, 2000). Neste mesmo tópico, verificou-se que quanto mais velha é a figura paterna, menos a criança recorre a esta como Base Segura. Esta é uma questão ainda por aprofundar, e por essa razão deverá merecer particular atenção em futuras investigações neste domínio.

Uma das limitações a apontar neste estudo será a dimensão da amostra, assim como o método de amostragem por conveniência e a especificidade da mesma, não garantindo que seja representativa da população portuguesa. Esta limitação poderá ser ultrapassada, por exemplo, com uma amostra de maior dimensão e mais diversificada com estudos a nível do país e de diferentes regiões. Deste modo, poder-se-ão ultrapassar as fragilidades encontradas na análise fatorial confirmatória da versão portuguesa da KSS.

Uma limitação da KSS, enquanto instrumento, poderá ser precisamente a padronização e pouca flexibilidade da mesma. Reconhecendo-se que quer a vinculação materna, quer a vinculação paterna se caracterizam por serem relações únicas, e que este estatuto do pai enquanto figura de vinculação se foi solidificando na literatura ao longo dos anos (Bretherton, 2010), faria sentido, em futuros estudos criar itens mais específicos e com exemplos práticos do dia-à-dia da criança junto do pai e

junto da mãe, respetivamente para cada escala, pois estes podem diferir especialmente se tivermos em conta as novas constelações familiares.

No fundo, as diferenças que existem entre as duas relações que a criança estabelece de forma única poderão ser o que permite explicar o porquê da KSSM e da KSSP portuguesas não terem demonstrado estruturas fatoriais idênticas, não obstante termos obtido resultados semelhantes ao estudo original (Kerns et al., 2015).

À semelhança dos estudos de autores como Kerns et al., (2015), Seibert e Kerns (2009), Main e Weston (1981), De Wolff e van IJzendor (1997), Lamb, Frodi, Hwang, e Frodi (1983), os resultados da nossa investigação consolidam o interesse no estudo do pai enquanto figura de vinculação importante, única e complementar numa família tradicional (numa tríade). Permitem, por exemplo, o estudo do impacto do pai noutros pontos essenciais no desenvolvimento da criança, tal como é continuado no projeto de investigação “Qualidade das relações Parentais, Amizade e Autoestima”, no qual esta investigação se insere e que, tal como o nome indica, se dedicou num passo seguinte ao estudo das associações e diferenças que existem entre a vinculação que a criança tem com os pais com as suas relações com os pares e com o seu nível de autoestima.

Ao nível da prática clínica, a presente investigação poderá ter implicações no sentido de chamar atenção para a importância do pai enquanto figura de vinculação, uma vez que existe uma forte primazia da presença e envolvimento da mãe nos processos psicoterapêuticos dos seus filhos, quando comparadas com a escassa participação do pai (Duhig, Phares, & Birkeland, 2002). Neste sentido, os resultados por nós obtidos incentivam os psicólogos clínicos a motivarem os pais a acompanharem os processos psicoterapêuticos dos seus filhos de forma tão próxima quanto as mães.

Será interessante, em investigações futuras replicar este estudo noutras culturas, uma vez que há autores, como por exemplo Lamb (1987), que destacaram a influência que a cultura tem neste tema. Será igualmente pertinente, à semelhança do apontado por Kern et al., (2015), adaptar esta escala para famílias não tradicionais (monoparentais, com dois pais, duas mães). Para além de testar a importância do pai, será pertinente, também, estudar outras figuras de vinculação secundárias (por exemplo, avós, irmãos, outros) e adaptar a KSS no sentido de integrar estas figuras que estão por aprofundar.

No que diz respeito aos principais contributos deste estudo, a presente investigação apresenta como aspetos inovadores, não só a introdução na investigação portuguesa de um instrumento recente na área da vinculação (KSS), mas também o aprofundamento do estudo comparativo entre rapazes e raparigas, e principalmente, a aplicação de um instrumento que avalia a vinculação na pré-adolescência (idade pouco estudada dentro deste tema - Richardson, 2005).

Conclui-se, portanto que um estilo de vinculação positiva com uma das figuras parentais se irá traduzir num estilo igualmente positivo com a outra figura de vinculação presente na tríade. Que o pai, ao contrário do que a literatura no início defendia e se tem vindo a combater em estudos mais recentes, tem um papel importante no desenvolvimento do padrão de vinculação dos seus filhos e que as raparigas percecionam o uso de Base Segura para a mãe e o de Porto de Abrigo para ao pai com superior intensidade relativamente aos rapazes. Crianças mais velhas demonstraram recorrer menos à figura materna como Base Segura e, ainda, a figura paterna mais velha foi menos utilizada como Base Segura por parte dos seus filhos.

Esta dissertação reflete um trabalho que foi realizado ao longo deste último ano letivo. Com variadas colaborações, foi-nos possível ir desenvolvendo este estudo – desde a pesquisa bibliográfica, à tradução e adaptação da escala, ao contacto com as escolas para obter a autorização para seguir em frente com o trabalho de campo, à aplicação dos questionários junto das crianças que participaram, ao tratamento dos dados estatísticos e, por fim, a reflexão sobre os mesmos. Todos estes passos singulares, individuais e coletivos permitiram-me desenvolver enquanto investigadora e, permitiram-me igualmente, dar um contributo pronto a ser melhorado e aplicado no futuro – o estudo da pré-adolescência enquadrado na Teoria da Vinculação com a *Security Scale*, versão portuguesa.

Referências Bibliográficas

- Afonso, A., Veríssimo, M., Fernandes, M., Borges, P., & Monteiro, L. (2011). Associações entre o envolvimento paterno e a competência social de crianças em contexto pré-escolar. *Psicologia Educação Cultura*, XV (1), 43 – 60.
- Ainsworth, M. D. S. (1969). Object relations, dependency, and attachment: A theoretical review of the infant-mother relationship. *Child Development*, 40, 969-1025. doi: 10.2307/1127008
- Ainsworth, M. D. S. (1972). Attachment and dependency: A comparison. In J. Gewirtz (Eds.), *Attachment and dependency*. Washington, D.C.: Winston.
- Ainsworth, M. D. S. (1985). Patterns of infant-mother attachments: Antecedents and effects on development. *Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 61(9), 771-791.
- Ainsworth, M. D. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709–716. doi:10.1037/0003-066X.44.4.709
- Ainsworth, M. D. S. (1991). Attachment and other affectional bonds across the life cycle. In C.M. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 33-51). New York, NY: Routledge.

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the Strange Situation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Ainsworth, M. D. S., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, *46*(4), 333-341. doi: 10.1037/0003-066X.46.4.333
- Allen, J. P. (2008). The attachment system in adolescence. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 419-435). New York, NY: Guilford Press.
- Allen, J. P., Hauser, S. T., Bell, K. L., & O'Connor, T. G. (1994). Longitudinal assessment of autonomy and relatedness in adolescent-family interactions as predictors of adolescent ego development and self-esteem. *Child Development*, *65*, 179-194. doi: 10.2307/1131374
- Allen, J. P., & Land, D. (1999). Attachment in adolescence. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 319-335). New York, NY: Guildford Press.
- Amorim, K., Anjos, A., & Rosetti-Ferreira, M. (2012). Processos interativos de bebês em creche. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. *25*(2), 378-389. doi: 10.1590/S0102-79722012000200020
- Barhtolomew, K., & Horowitzs, L. (1991). Attachment styles among young adults: A test of four category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, *61* (2), 226 -244. doi: 10.1037/0022-3514.61.2.226
- Batgos, J., & Leadbeater, B. J. (1994). Parental attachment, peer relations and dysphoria in Adolescence. In M. B. Sperling, & W. H. Berman (Eds.), *Attachment in adults. Clinical and developmental perspectives* (pp. 155-178). New York, NY: Guildford Press.
- Bögels, S., & Phares, V. (2008). Fathers' role in the etiology, prevention and treatment of child anxiety: A review and new model. *Clinical Psychology Review*, *28*(4), 539–558. doi:10.1016/j.cpr.2007.07.011
- Bowlby, J. (1958). The nature of the child's tie to his mother. *International Journal of Psychoanalysis*, *29*, 1–23.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Vol.1. Attachment*. London: Hogarth.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Separation*. London: Basic Books.
- Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. London: Tavistock Publications.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Vol. 3. Loss*. New York: Basic Books.

- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss: Vol.1 attachment* (2nd ed.). New York, NY: Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base*. New York, NY: Basic Books.
- Bown, G. L., McBride, B. A., Shin, N., & Bost, K. (2007). Parenting predictors of father-child attachment security: Interactive effects of father involvement and fathering quality. *Fathering, 5* (3), 197-219. doi: 10.3149/fth.0503.197
- Bretherton, I. (1985). Attachment theory: Retrospect and prospect. In I. Bretherton, & E. Waters (Eds.), *Growing points of attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development* (Vol. 50, pp. 3-35). doi: 10.2307/3333824
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental psychology, 28*(5), 759-775. doi: 10.1037/0012-1649.28.5.759
- Bretherton, I. (2010). Fathers in attachment theory and research: A review. *Early Child Development and Care, 180*(1-2), 9-23. doi:10.1080/03004430903414661
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Byrne, B. M. (2001). *Structural equation modeling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Cairns, R. (1972). Attachment and dependency: A psychobiological and social-learning synthesis. In J. Gewirtz (Eds.), *Attachment and dependency* (pp.29-80). New York, NY: Winston.
- Caldera, Y. (2004). Paternal involvement and infant-father attachment: A Q-set study. *Fathering, 2*, 191-210.
- Canavarro, M. C., Dias, P., & Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da adult attachment scale-r (aas-r) na população portuguesa. *Psicologia, XX* (1), 155-187.
- Carvalho, M. (2007). *Vinculação, temperamento e processamento da informação: Implicações nas perturbações emocionais e comportamentais no início da adolescência* (tese de doutoramento). Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia, Portugal.
- Cassidy, J. (2008). The nature of the child's ties. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 3-22). New York, NY: Guilford Press.

- Damon, W., & Hart, D. (1988). *Self-understanding in childhood and adolescence*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- De Wolff, M., & van IJzendoorn, M. (1997). Sensitivity and attachment: A meta-analysis on parental antecedents of infant attachment. *Child Development, 68*(4), 571-591. doi: 10.1111/j.1467-8624.1997.tb04218
- Dias, P., Soares, I., & Freire, T. (2002). Percepção materna do comportamento de vinculação da criança aos 6 anos: Construção de uma escala. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática, 7*(2), 331–343.
- Duhig, A. M., Phares, V., & Birkeland, R. W. (2002). Involvement of fathers in therapy: A survey of clinicians. *Professional Psychology: Research and Practice, 33*, 389–395. doi:10.1037/0735-7028.33.4.389
- Eccles, J., Barber, B., Jozefowicz, D., Malenchuk, O., & Vida, M. (1999). Self-evaluations of competence, task values, and self-esteem. In N. Johnson, & M. Roberts (Eds.), *Beyond appearance: A new look at adolescent girl* (pp. 53-83). Washington, DC: American Psychological Association.
- Forbes, L. M., Evans, E. M., Moran, G., & Pederson, D. R. (2007). Change in atypical maternal behavior predicts change in attachment disorganization from 12 to 24 months in a high-risk sample. *Child Development, 78* (3), 955–971. doi: 10.1111/j.1467-8624.2007.01043
- Fonagy, P., & Target, M. (2007). The rooting of the mind in the body: New links between attachment theory and psychoanalytic thought. *Journal of the American Psychoanalytic Association, 55*(2), 411-456.
- Fornell, C., & Larcker, D. F. (1981). Evaluating structural equation models with unobserved variables and measurement error. *Journal of Marketing Research, 18*, 39-50. doi: 10.2307/3151312
- Fox, N. A., Kimmerly, N. L., & Schafer, W. D. (1991). Attachment to mother/attachment to father: A meta-analysis. *Child Development, 62* (1), 210-225. doi: 10.1111/j.1467-8624.1991.tb01526.x
- Fuligni, A. J., & Eccles, J. S. (1993). Perceived parent-child relationships and early adolescents' orientation toward peers. *Developmental Psychology, 29*, 622-632. doi: 10.1037/0012-1649.29.4.622

- Gauthier, J. M. (1992). Rêve, rythme et somatisation chez le petit enfant. In S. Ali, S. Cady, G. Froli, J. M. Gauthier, J. Gorot, A. Mendes Pedro, & M. Robert. (eds), *Rêve & psychomatique* (pp. 61-82). Paris: Edition Centre International de Psychomatique.
- Gewirtz, J. (1972a). Attachment, dependence, and a distinction in terms of stimulus control. In J. Gewirtz (Ed.), *Attachment and dependency* (pp. 139-177). Washington, D.C.: Winston.
- Gewirtz, J. (1972b). On the selection and use of attachment and dependence indices. In J. Gewirtz (Ed.), *Attachment and dependency* (pp. 179-2015). Washington, D.C.: Winston.
- Grossmann, K., Grossmann, K. E., Fremmer-Bombik, E., Kindler, H., Scheuerer-Englisch, H., & Zimmermann, P. (2002). The uniqueness of the child-father attachment relationship: Fathers' sensitive and challenging play as a pivotal variable in a 16-year longitudinal study. *Social Development, 11*(3), 301–337. doi:10.1111/1467-9507.00202
- Grossmann, K., Grossmann, K. E., Kindler, H., & Zimmermann, P. (2008). A wider view of attachment and exploration: The influence of mothers and fathers on the development of psychological security from infancy to young adulthood. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 857–879). New York, NY: Guilford Press.
- Grossman, K. E., Grossman, K., & Zimmerman, P. (1999). A wider view of attachment and exploration: Stability and change during the year of immaturity. In J. Cassidy, & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment. Theory, Research and Clinical Applications* (pp. 760–786). New York, NY: The Guilford Press.
- Guédény, N., & Guédény, A. (2015). *L'Attachment: Approche théorique*. (4^aEd.). Paris: Elsevier Masson SAS.
- Hair, J., Black, W., Babin, B., & Anderson, R. (2010). *Multivariate data analysis* (7th ed.). Upper Saddle River, NJ: Prentice-Hall, Inc.
- Hill, J. (1983). Early adolescence: A framework. *Journal of Early Adolescence, 3*, 1–21. doi: 10.1177/027243168331002
- Hill, M. M., & Hill, A. (2000). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Judd, C., & Sadler, M. (2008). The analysis of correlational data. In M. Roberts, & S. Iardi (Eds). *Handbook of research methods in clinical psychology*. Oxford: Blackwell Publishing. doi: 10.1002/9780470756980.ch7
- Kerns, K. A., Aspelmeier, J. E., Gentzler, A. L., & Grabill, C. M. (2001). Parent–child attachment and monitoring in middle childhood. *Journal of Family Psychology, 15*(1), 69–81. doi:10.1037/0893-3200.15.1.69

- Kerns, K., Mathews, B., Koehn, A., Williams, C., & Siener-Ciesla, S. (2015). Assessing both safe haven and secure base support in parent-child relationships. *Attachment & Human Development*, 17, 1-17. doi: 10.1080/14616734.2015.1042487
- Kline, R. B. (2016). Principles and practice of structural equation modeling (4th ed.). New York, NY: Guilford.
- Lamb, M. E. (1987). Introduction: The emergent american father. In M. E. Lamb (Ed.), *The father's role: Cross-cultural perspectives* (pp. 3-26). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Lamb, M. E., Frodi, M., Hwang, C., & Frodi, A. (1983). Effects of paternal involvement for mothers and fathers. *Child Development*, 54, 450-458. doi: 10.2307/1129706
- Lerner, R. M. (1995). *America's youth in crisis*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Maia, J., Ferreira, B., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Shin, N. (2008). Auto-conceito e representações da vinculação no período pré-escolar. *Análise Psicológica*, 26(3), 423-433.
- Maia, J., Veríssimo, M., Ferreira, B., Silva, F., & Pinto, A. (2014). Modelos internos dinâmicos de vinculação: Uma metáfora conceptual? *Análise Psicológica*, 32(3), 279-288. doi: 10.14417/ap.853
- Main, M., & Hess, E. (1990). Parent's unresolved traumatic experiences are related to infant disorganized attachment status, is frightened and/or frightening parental behavior the link mechanism? In M. T. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M. Cummings (Eds.), *Attachment in preschool years: Theory, research, and intervention* (pp. 161-182). Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood. A move to the level of representation. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50(1/2), 66-104. doi:10.2307/3333827
- Main, M., & Weston, D. (1981). The quality of the toddler's relationship to mother and to father: Related to conflict behaviour and the readiness to establish new relationships. *Child Development*, 52, 932-940. doi: 10.2307/1129097
- Marôco, J. (2010). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software e aplicações*. Pêro Pinheiro, Portugal: Report Number.
- Marôco, J., & Bispo, R. (2005). *Estatística aplicada às ciências sociais e humanas*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Masters, J., & Wellman, H. (1974). Human infant attachment: A procedural critique. *Psychological Bulletin*, 81, 218-237. doi: 10.1037/h0036184

- Meeus, W., Iedema, J., Maasen, G., & Engels, R. (2005). Separation-individuation revisited: On the interplay of parent-adolescent relations, identity and emotional adjustment in adolescence. *Journal of Adolescence*, 28, 89-106. doi: 10.1016/j.adolescence.2004.07.003
- Posada, G., Gao, Y., Fang, W., Posada, R., Tascon, M., Schoelmerich, A., ... Synnevaag, B. (1995). The secure base phenomenon across cultures: Children's behavior, mothers' preferences, and experts' concepts. In E. Waters, B. Vaughn, G. Posada, & K. Kondo-Ikemura (Eds.), *Caregiving. Cultural and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: New growing points of attachment theory and research. Monographs of the society for research in child development*, 60 (pp. 27-48). doi: 10.2307/1166169
- Ribeiro, J. L., & Sousa, M. (2002). Vinculação e comportamentos de saúde: Estudo exploratório de uma escala de avaliação da vinculação em adolescentes. *Análise Psicológica*, 20(1), 67-75. doi:10.14417/ap.283
- Richardson, R. (2005). Development contextual consideration of parent-child attachment in later middle childhood years. In K. Kerns, & R. Richardson (Eds.), *Attachment in middle childhood*, (pp. 24-45). New York, NY: The Guilford Press.
- Rosenthal, M. (1973). Attachment and mother-infant interaction: Some research impasses and a suggested change in orientation. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 14, 201-207. doi: 10.1111/j.1469-7610.1973.tb01187.x
- Ruble, D. (1983). The development of social-comparison processes and their role in achievement-related self-socialization. In E. T Higgins, D. N. Ruble, & W. W. Hartup (Eds.), *Social cognition and social development: A social-cultural perspective* (pp. 134-157). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Sagi-Schwartz, A., & Aviezer, O. (2005). Correlates of attachment to multiple caregivers in kibbutz children from birth to emerging adulthood: The haifa longitudinal study. In K. E. Grossmann, K. Grossmann, & E. Waters (Eds.), *Attachment from infancy to adulthood* (pp. 165-197). New York, NY: Guilford.
- Seibert, A. C., & Kerns, K. A. (2009). Attachment figures in middle childhood. *International Journal of Behavioral Development*, 33, 347-355. doi:10.1177/0165025409103872
- Seidman, E., Allen, L., Aber, L., & Mitchell, C. (1994). The impact of school transitions in early adolescence on the self-esteem and perceived social context of poor urban youth. *Child Development*, 65, 507-522. doi: 10.1111/j.1467-8624.1994.tb00766.x

- Soares, I. (1996). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência. Estudo intergeracional: mãe-filho(a)*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Psicologia – Universidade do Porto.
- Soares, I. (2007). Desenvolvimento da teoria e da investigação da vinculação. In I. Soares (Coord.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp. 13-45). Braga: Psiquilibrios.
- Sroufe, L. A. (1996). *Emotional development: The organization of emotional life in the early years*. New York: Cambridge University Press.
- Sroufe, L. A. (2002). From infant attachment to promotion of adolescent autonomy: prospective, longitudinal data on the role of parents in development'. In J. G. Borkowski, S. L. Ramey, & M. Bristol-Power (Eds.), *Parenting and the child's world: Influences on academic, intellectual, and socioemotional development* (pp. 187-202). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Sroufe, L. A., & Waters, E. (1977). Attachment as an organizational construct. *Child Development*, 48 1184-1199. doi: 10.2307/1128475
- Steele, H., & Steele, M. (2005). The construct of coherence as an indicator of attachment security in middle childhood: The family and friends interview. In K. Kerns, & R. Richardson (Eds.), *Attachment in middle childhood* (pp. 137-160). New York, NY: The Guilford Press.
- Steele, H., Steele, M., & Fonagy, P. (1996). Associations among attachment classifications of mothers, fathers and their infants: Evidence for a relationship-specific perspective. *Child Development*, 67, 541–555. doi: 10.2307/1131831
- Steele, H., Steele, M., & Kriss, A. (2009). *Friends and family interview*. Unpublished instrument.
- Steinberg, L. (1990). Autonomy, conflict and harmony in the family relationship. In S. Feldman, & G. Elliot (Eds.), *At the threshold: the developing adolescent* (pp. 255-276). Cambridge: Harvard University Press.
- Target, M., Fonagy, P., & Shmueli-Goetz, Y. (2003). Attachment representations in school-age children: The development of the child attachment interview (CAI). *Journal of Child Psychotherapy*, 29, 171-186. doi: 10.1080/0075417031000138433
- Tereno, S. (2004). *Ontogenia da vinculação humana: Vinculação na primeira infância*. Braga: Departamento de Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Tereno, S., Soares, I., Martins, E. C., Sampaio, D., & Carlson, E. (2007). La théorie de l'attachement: Son importance dans un contexte pédiatrique. *Devenir*, 19(2), 151-188. doi: 10.3917/dev.072.0151

- Ward, M.J., & Carlson, E.A. (1995). Associations among adult attachment representations, maternal sensitivity, and infant-mother attachment in a sample of adolescent mothers. *Child Development, 66*, 69-79. doi: 10.1111/j.1467-8624.1995.tb00856.x
- Waters, E., Bosmans, G., Vandevivere, E., Dujardin, A., & Waters, S. (2015). Secure base representations in middle childhood across two Western cultures: Associations with parental attachment representations and maternal reports of behavior problems. *Developmental Psychology, 51*(8), 1013-1025. doi: 10.1037/a0039375
- Waters, E., & Cummings, E. M. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child Development, 71*(1), 164-172. doi: 10.1111/1467-8624.00130
- Waters, E., Kondo-Ikemura, K., Posada, G., & Richters, J. (1991). Learning to love: Mechanisms and milestones. In M. Gunner, & A. Sroufe (Eds.), *Minnesota Symposia on Child Psychology: Vol. 23. Self Processes and Development*, (pp. 217-255). Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum.
- Waters, E., Merrick, S., Treboux, D., Crowell, J., & Albersheim, L. (2000). Attachment stability in infancy and in early adulthood: A 20-years longitudinal study. *Child Development, 71*, 684-689. doi: 10.1111/1467-8624.00176
- Weinraub, M., Brooks, J., & Lewis, M. (1977). The social network: A reconsideration of the concept of attachment. *Human Development, 20*, 31-47. doi: 10.1159/000271546
- Weiss, R.S. (1982). Attachment in adult life. In C.M Parkers, & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *The place of attachment in human behavior* (pp. 171-184). New York, NY: Basic Books.
- West, M., Rose, S., Spreng, S., Sheldon-Keller, A., & Adam, K. (1998). Adolescent Attachment Questionnaire: A brief assessment of attachment in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence, 27*(5), 661-673. doi: 10.1023/A:1022891225542
- West, M., & Sheldon-Keller, A. (1994). *Patterns of relating – an adult attachment perspective*. New York, NY: Guildford Press.

**Anexo 1 – Termo de responsabilidade da Comissão de Ética do ISPA, Instituto
Universitário.**



COMISSÃO DE ÉTICA DO ISPA-INSTITUTO UNIVERSITÁRIO

COMPROMISSO ÉTICO

Título do projeto ou estudo: Qualidade das Relações Parentais, Amizade e Autoestima.

Pessoa responsável pelo projeto: Mariana Martins e Rita Bigas.

Instituição de acolhimento: ISPA – Instituto Universitário.

1. Considero-me obrigado a conhecer e a respeitar os Direitos Humanos.
2. Considero-me obrigado a cumprir os princípios éticos nacionais e internacionais, nomeadamente a “Declaração de Genebra” (2002), a “Declaração de Helsínquia” e emendas (2008) e a “Convenção de Oviedo” (1997).
3. Em todas as minhas ações mantereirei a atitude ética que a moral exige e cumprirei a legislação em vigor.
4. Não me desviarei sem notificação prévia dos procedimentos expostos no projeto que entrem em conflito com os princípios éticos assumidos.
5. Considero-me obrigado(a) a esclarecer individualmente cada participante do estudo sobre a finalidade do mesmo e sobre os procedimentos a que estará sujeito (não aplicável a participantes não humanos).
6. Considero-me obrigado(a) a não utilizar procedimentos que lesem a integridade moral e/ou física dos participantes e tomarei em linha de conta a relação entre a possível utilidade dos resultados e o conjunto dos procedimentos executados.
7. Mesmo com a anuência do participante, não praticarei atos que atentem contra a sua vida ou contra a sua saúde, física ou mental.
8. Evitarei todos os procedimentos desnecessários ou que se preveja que sejam inconsequentes.
9. Não usarei dados nem resultados que ponham em risco o bom nome ou a integridade dos participantes.

Lisboa, 25 de Novembro de 2015, as responsáveis pelo Projeto:

Ana Rita Gomes Bigas

Mariana Ginja da Costa Fernandes

Anexo 2 – Folheto Informativo sobre o Projeto de Investigação “Qualidade das relações Parentais, Amizade e Autoestima”.

<p>A participação é voluntária podendo retirar-se o consentimento relativo à participação em qualquer momento da investigação, sem qualquer prejuízo pessoal ou profissional.</p> <p>Garantimos a confidencialidade e o anonimato de todos os dados recolhidos e que estes serão exclusivamente utilizados com fim científico. Os participantes nunca serão identificados em qualquer relatório ou publicação decorrentes deste trabalho de investigação.</p> <p>Serão dadas todas as informações e esclarecimentos considerados necessários, após o estabelecimento do primeiro contacto com os potenciais colaboradores.</p> <p style="text-align: center;">PARTICIPE!</p> <p style="text-align: center;"></p>	<p>Investigadora Responsável: Professora Doutora Manuela Veríssimo.</p> <p>Equipa de Investigação: Mariana Martins e Rita Bigas</p> <p>Instituição: William James Center for Research, ISPA—Instituto Universitário</p> <p>Morada: Rua do Jardim do Tabaco, 34 1149-041 Lisboa</p> <p>Contactos: Rita Bigas: ritabigas@hotmail.com 913126765 Mariana Martins: mariana.g.c.martins@hotmail.com 968023240</p>	<p style="text-align: center;"></p> <p style="text-align: center;">PROJETO DE INVESTIGAÇÃO <i>Qualidade das Relações Parentais, Amizade e Autoestima</i></p> <p style="text-align: center;"></p> <p style="text-align: center;">PARTICIPE!</p>
---	--	--

<p style="text-align: center;">O PROJETO</p> <p>Esta investigação surge no âmbito do Seminário de Dissertação do 5º ano do Mestrado em Psicologia Clínica no ISPA- Instituto Universitário.</p> <p>As primeiras relações e a forma como os pais dão a conhecer o mundo aos seus filhos estão associadas à estima que a criança atribui a si própria, à forma como esta se representa a si mesma, e consequente, às relações que estabelece com os seus pares. Estas são dimensões importantes para o desenvolvimento socio-emocional do indivíduo.</p> <p>QUAL É O OBJETIVO DO ESTUDO?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreender a relação de vinculação que as crianças do 2º ciclo estabelecem com as suas figuras parentais e a sua importância no desenvolvimento da autoestima, autoconceito e relações de amizade. <p>Para tal, necessitamos de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Consentimento dos pais para a participação do seu educando no estudo. • Colaboração dos alunos do 5º e 6º ano de escolaridade no preenchimento de alguns questionários em sala de aula. 	<p style="text-align: center;">FASES DA INVESTIGAÇÃO</p> <p>COMO PARTICIPAR?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ser aluno do 2º ciclo. • Estar autorizado pelos pais a participar. <p>QUAIS SÃO AS FASES DO ESTUDO?</p> <p>As fases nas quais se desenvolverá o estudo são as seguintes:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pedido de autorização às escolas. • Pedido de autorização aos pais. • Preenchimentos de questionários por parte dos alunos autorizados, em sala de aula. <p>A recolha de dados será levada a cabo pelas investigadoras Mariana Martins e Rita Bigas</p>	<p style="text-align: right;">Muito obrigado!</p>
---	---	--

Anexo 3 – Carta do Consentimento Informado entregue aos pais.



Prof. Doutora Manuela Veríssimo

Orientadora do Seminário de Dissertação

ISPA - Instituto Universitário

Rua Jardim do Tabaco, 34

1149 – 041 Lisboa



Exmos. Srs. Encarregados de Educação,

No âmbito do Seminário de Dissertação do 5º ano de Mestrado em Psicologia Clínica gostaríamos de solicitar o seu consentimento para a participação do seu educando no nosso projeto de investigação.

Com este projeto pretendemos estudar a influência das relações que as crianças do 2º ciclo estabelecem com os seus pais no desenvolvimento da autoestima e autoconceito e nas relações de amizade. Para tal, contamos com a sua ajuda, que para nós é fundamental e a qual, desde já, muito agradecemos.

Garantimos a confidencialidade e o anonimato de todos os dados sendo os mesmos utilizados unicamente para fins científicos.

Mais uma vez agradecemos a sua preciosa ajuda e caso necessite de algum esclarecimento adicional em relação à investigação, estamos ao vosso dispor através dos seguintes contactos:

- Telefone do ISPA: 218 811 700
- Correio eletrónico das investigadoras do projeto: ritabigas@hotmail.com,
mariana.g.c.martins@hotmail.com

Atenciosamente e ao Vosso dispor,

A Coordenadora do Projeto
Professora Doutora Manuela Veríssimo



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Eu, abaixo assinado, Encarregado de Educação do aluno
_____, do ____º ano, turma _____, no âmbito do Projetos de
Investigação "Qualidade das relações parentais, amizade e autoestima em pré-adolescentes",
declaro que:

- Autorizo a participação do/a meu/a educando/a no projeto.
- Não autorizo a participação do/a meu/a educando/a no projeto.

_____, _____ De _____ de 2015

Assinatura: _____

Anexo 4: Tabela de Propriedades psicométricas do modelo simplificado da KSS para a população portuguesa.

Dimensões	Item	λ	λ^2	Erros	Fiabilidade Compósita	V.E.M
Base Segura	KSS05	0,57	0,33	0,67	0,73	0,447
	KSS08	0,58	0,34	0,66		
	KSS11	0,55	0,31	0,69		
	KSS14	0,58	0,33	0,67		
	KSS17	0,52	0,27	0,73		
	KSS20	0,55	0,30	0,70		
	KSS13	0,51	0,26	0,74		
	KSS01	0,61	0,37	0,63		
	KSS03	0,63	0,39	0,61		
	KSS04	0,53	0,28	0,72		
Porto de Abrigo	KSS06	0,57	0,33	0,67	0,85	0,464
	KSS10	0,57	0,32	0,68		
	KSS12	0,64	0,40	0,60		
	KSS15	0,50	0,25	0,75		
	KSS16	0,72	0,52	0,48		
	KSS18	0,54	0,29	0,71		
	KSS21	0,53	0,28	0,72		

Nota: λ - peso fatorial individual, V.E.M – Variância Extraída Média.